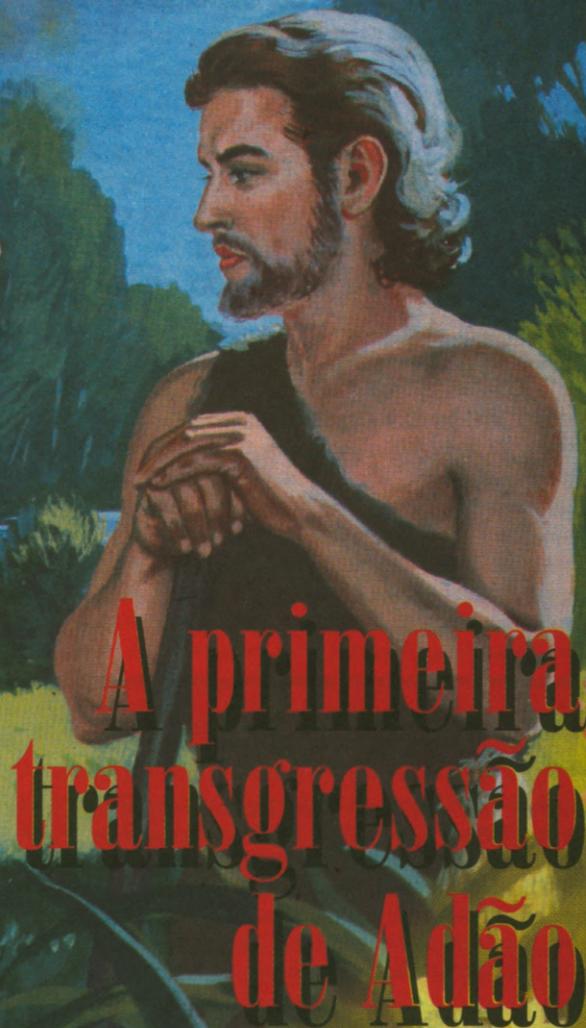


# Ministério

Uma revista para Pastores e Obreiros

Setembro-Outubro DE 1998



A primeira  
transgressão  
de Adão



# Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

## ARTIGOS

### 11 O PECADO ORIGINAL

*Nossa relação com a primeira transgressão de Adão.*



### 15 UM MINISTÉRIO COMPENSADOR

*Sugestões que tornam produtivo o trabalho do capelão escolar.*



### 24 A SALVAÇÃO

#### COMO OBJETIVO

*A justificação pela fé e o trinitarianismo na Igreja Adventista.*

### 27 PRIMEIROS PASSOS

*Orientações para seminaristas e aspirantes ao ministério.*

## SEÇÕES

### 17 REAVALIANDO O BIG BANG

*Cientista analisa uma das teorias sobre a origem do universo.*

### 20 DEDUÇÃO OU INDUÇÃO?

*Conheça os principais métodos da pregação.*

### 3 EDITORIAL

### 4 ENTREVISTA

### 7 AFAM

### 9 PONTO DE VISTA

### 22 IDÉIAS

### 30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

### 31 LIVROS



Ano 69 – Número 05 – Set./Out. 1998  
Periódico Bimestral

**Diretor Geral:** Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Jobson Santos; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; José S. Ferreira; Izéas Cardoso; **Capa:** Á. Rios

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br> E-mail: Serviço de Atendimento Direto: [saa@cpb.com.br](mailto:saa@cpb.com.br) Redação: [redacao@cpb.com.br](mailto:redacao@cpb.com.br) Internet: [www.mensagem.com/ministerio](http://www.mensagem.com/ministerio)

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**  
**EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA**  
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000; Tatuí, SP

# Motivação correta



“P

ara ser um pastor de renome, tudo o que você precisa fazer é alcançar os alvos financeiros, construir templos e levar muitas pessoas ao batismo”, dizia o ministro experiente, às portas da jubilação, a um jovem que dava seus primeiros passos na carreira pastoral. E este aparentemente absorveu bem o conselho, destacando-se no cumprimento dos itens que lhe foram indicados. Trabalhou desregradadamente, perdeu a saúde e, prematuramente, a vida. Estaria, porventura, corretamente motivado?

E quanto a nós? Qual a nossa verdadeira motivação para o serviço? Certamente, muitos homens, ao longo da história cristã, demonstraram ter clara compreensão do chamado divino e exerceram um ministério exemplar. Mas nunca é demais ouvir Paulo falar dos motivos pelos quais pregava o evangelho com tanta vibração: “Pois o amor de Cristo nos constrange” (II Cor. 5:14); “porquanto, para mim, o viver é Cristo” (Fil. 1:21). Para ele, de pouco ou nenhum significado eram a fama, o renome, a imagem de intelectual e erudito, ou qualquer outra coisa que chamasse a atenção para si. “Mas o que para mim

era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo.” (Fil. 3:7 e 8).

Possuir tal sentido de motivação e prioridade é algo tão necessário hoje, como o foi nos dias do apóstolo. Jamais devemos nos esquecer de que a motivação primeira para o desempenho do trabalho pastoral é a glória de Deus, através da salvação de homens e mulheres. Sabendo que Deus é amor, entendemos também que Sua vontade é que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade. Por isso, qualquer forma de impulsionar-nos à excelência ministerial que não seja a glorificação do nome de Deus, é espúria e está condenada ao fracasso.

A despeito da importância dos números na avaliação do crescimento da Igreja, qualquer pastor que busque neles a sua própria exaltação ou a do segmento sob sua liderança, em lugar de glorificar a Deus, está degradando o seu chamado.

A razão bíblica para pastorear e pregar o evangelho está baseada no desejo de participar com Deus no processo de restauração do homem. O evangelismo deve interessar-nos porque também interessa a Deus. Ele deseja o melhor para Seus filhos e é Seu propósito supremo que todos experimentem o infinito gozo de viver para sempre com Ele nas mansões celestiais. É por isso que nosso Senhor emprega todos os recursos do Céu para redimir a humanidade: o Espírito Santo convence os seres humanos do pecado, impressiona-os a buscarem a Deus. Os anjos colaboram na orientação dos perdidos para a luz e para a verdade.

Nosso Deus, como um grande estrategista, usa várias maneiras, aproveitando as circunstâncias da nossa vida, para atrair-nos a Ele. É Ele quem toma a iniciativa da redenção. A cruz nos fala do Seu

intenso desejo de salvar a humanidade. Sem Jesus a raça humana estaria perdida e sem esperança. Sem Ele, seríamos erroneamente guiados, mal-informados e mal-orientados. Sem a Sua morte na cruz, estariam os homens irremediavelmente perdidos. A alegria de colaborar com Deus nesse processo redentor é a maior motivação que podemos ter como pastores. O prazer de trabalhar lado a lado com Ele na salvação dos perdidos é tão importante como os resultados finais. Pastoreamos, pregamos e evangelizamos porque, ao fazer essas coisas, entramos em uma experiência de comunhão com Deus que de outro modo não seria possível. Cheios de profunda gratidão, por haver sido resgatados para Ele e por haver sido chamados para Seu serviço, podemos exclamar como Pedro e João: “Nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (Atos 4:20).

O Dia do Pastor, comemorado neste bimestre, é mais uma oportunidade de reflexão sobre o nosso ministério e os motivos que nos impulsionam a desempenhá-lo de modo excelente. Lembremo-nos sempre de que, ao atendermos o chamado de Deus, assumimos o compromisso de viver e trabalhar unicamente para louvor e glória do Seu nome, e para mostrar Seu amor a um mundo corrompido pelo pecado. O pastorado é para a glória de Deus, porque leva homens e mulheres a fazerem escolhas de implicações eternas.

O ministério evangélico é unicamente para a glória de Deus, porque prepara o mundo para o breve regresso do nosso Senhor Jesus, anunciando o fim do pecado e suas terríveis conseqüências. Pastorear, em toda a sua amplitude, é somente para a glória de Deus. Fazê-lo por motivos relacionados a interesses humanos significa perverter a sagrada vocação. Não fazê-lo do modo mais excelente é trair o Senhor que nos escolheu. – Zinaldo A. Santos.

# Somos evangélicos

**C**risto como único e suficiente Salvador, Seu nascimento virginal, Sua vida sem pecado, Sua morte expiatória, Sua ressurreição corpórea e Sua ascensão literal. A aceitação desses fatos, basicamente, caracteriza uma denominação como sendo evangélica. E a Igreja Adventista do Sétimo Dia concorda com eles, não podendo, por isso mesmo, ser identificada de outra forma. Mesmo assim, ainda existem grupos evangélicos que a rotulam como uma seita.

Para falar sobre o assunto, *Ministério* entrevistou o teólogo Alberto Ronald Timm, Ph.D., professor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Salt, diretor do Centro de Pesquisas Ellen White e diretor do Centro Nacional de Memória Adventista, localizados no Instituto Adventista de Ensino, campus central. Gaúcho de São Lourenço do Sul, o Dr. Timm é adventista de terceira geração. Kursou o ginásio em uma escola luterana de Pelotas, RS, e o Técnico em Contabilidade no Instituto Adventista Cruzeiro do Sul, Iacs. Após concluir o curso teológico no IAE, em 1981, foi pastor em Ijuí, RS, por quatro anos, sendo ordenado ao ministério em dezembro de 1985.

Em 1984, iniciou o curso de mestrado em Teologia. De 1986 a 1989, lecionou para o Salt e a Faculdade Adventista de Educação, Faed. De 1989 a 1995, estudou na Universidade Andrews, nos Estados Unidos, onde concluiu o Ph.D., com especialização em Estudos Adventistas e Teologia Sistemática. Artigos de sua autoria têm sido publicados em português e inglês, com algumas versões em espanhol e francês.

O Dr. Timm é casado com Marly L. Timm, professora associada de Orientação Educacional da Faed e coordenadora da Escola de Pais do IAE, onde também cursa o mestrado em Aconselhamento Psicológico. O casal possui três filhos: Suellen Elise, dez anos, Eilliam Edward, quatro anos, e Shelley Wilaine, um ano.



Dr. Alberto Ronald Timm

**Ministério:** *Alguns grupos evangélicos insistem em ver o adventismo como uma seita. Como o senhor encara isso?*

**Dr. Timm:** Eu, pessoalmente, considero essa atitude como uma rotulagem artificial e um mecanismo de defesa antiético, que melhor reflete a preconceituosa intolerância medieval do que o espírito democrático, ecumênico e pluralista do mundo contemporâneo. Se esses grupos se limitassem a defender suas convicções doutrinárias e a procurar demonstrar, bíblicamente, a falácia dos postulados adventistas, sua atitude seria até compreensível e digna de respeito. Mas quando os limites do bom senso são extrapolados por ataques ofensivos e rotulações pejorativas, como "sectários", "fariseus perturbadores", "promotores de "terrorismo psicológico", "pescadores de aquário", etc., você é levado naturalmente a questionar a retórica de tais indivíduos ou grupos.

**Ministério:** *Que aspectos diferenciam um grupo sectário de um evangélico?*

**Dr. Timm:** Praticamente todos os movimentos religiosos surgem como gru-

pos sectários, que procuram restaurar determinadas doutrinas e reformar a cultura na qual existem. Foi assim que surgiram, por exemplo, os luteranos, restaurando toda a autoridade das Escrituras e o ensino bíblico da salvação pela graça mediante a fé; os anabatistas, rejeitando o batismo infantil em função do batismo dos adultos; os mileritas, proclamando a segunda vinda premilenista de Cristo; e os pentecostais, enfatizando a contínua relevância dos dons do Espírito. Com o passar do tempo, a ênfase nos elementos distintivos vai gradativamente dando lugar a uma ênfase mais ampla e equilibrada, integrando componentes em comum com outros movimentos religiosos. Nesse processo de transição de seita para denominação (ou igreja), os movimentos religiosos acabam perdendo muito de sua identidade original. Isso geralmente ocorre, de acordo com estudiosos do assunto, no segundo século de sua existência, quando os pioneiros e aqueles que conheceram os pioneiros não mais existem. Nesse estágio, os movimentos tendem a ser reabsorvidos pela cultura que tentavam reformar. Seus adeptos muitas vezes se esquecem, então, da origem sectária do seu próprio movimento, e passam a rotular de "seita" os demais grupos religiosos que divergem de seu sistema doutrinário. Assim procedendo, tais movimentos acabam assumindo, eles próprios, uma atitude nitidamente sectária e exclusivista. No contexto da controvérsia entre "sectários" e "evangélicos", o termo "seita" deveria ser usado especificamente em relação a indivíduos ou grupos de professos cristãos que restringem a salvação exclusivamente aos adeptos do seu próprio movimento religioso, e cuja ênfase nos elementos distintivos de sua fé acaba obliterando as verdades básicas da fé cristã, como a Trindade e a salvação pela graça mediante a fé. Já os "evangélicos" enfatizam essas verdades e não limitam a salvação apenas aos membros de suas respectivas denominações.

**Ministério:** Houve um tempo na história do adventismo, quando ele se identificou mais como uma seita?

**Dr. Timm:** À semelhança da grande maioria dos demais movimentos religiosos, os adventistas do sétimo dia surgiram como um movimento religioso com características sectárias. Na tentativa de justificar sua existência, davam muita ênfase aos elementos distintivos da sua fé (a Lei e a guarda do sábado, a segunda vinda de Cristo, o ministério de Cristo no santuário celestial, a imortalidade condicional da alma e o dom profético de Ellen White), relegando componentes básicos da fé evangélica a um plano secundário. Além disso, os primeiros adventistas observadores do sábado criam, inicialmente, na teoria da "porta fechada" (cf. Mat. 25:10), que restringia o acesso à salvação aos ex-mileritas.

**Ministério:** Hoje a Igreja Adventista apresenta-se como evangélica. O que determinou a mudança?

**Dr. Timm:** Especialmente dois fatores básicos contribuíram para isso. O primeiro foi o abandono, no início dos anos 1850, da teoria da "porta fechada". Isso fez com que os adventistas se conscientizassem de que pessoas que não se uniram previamente ao movimento milerita poderiam se tornar adventistas e ser salvas; de que nem todos os adventistas são genuinamente convertidos e, conseqüentemente, pessoas salvas; e de que membros sinceros de outras denominações, que vivem em conformidade com a luz que possuem, podem ser salvos nas próprias denominações às quais pertencem. O segundo fator foi a ênfase na justificação pela fé, durante a Assembléia Geral de Minneapolis, em 1888, que caracterizaria a mensagem adventista desde então. Integrando os componentes distintivos do adventismo no contexto mais amplo da mensagem evangélica de salvação pela graça mediante a fé, os adventistas do sétimo dia passaram a enfatizar a mensagem evangélica fundamental sem perder sua própria identidade denominacional.

**Ministério:** Os que classificam o adventismo como seita, acusam-no de, por exemplo, pregar o sábado como determinante para a salvação de alguém.

**Dr. Timm:** Como denominação, cremos que a pessoa é salva unicamente pela graça mediante a fé (Efés. 2:8-10), sem qualquer mérito humano (Rom. 3:28; 4:6). Isso significa que aqueles que pretendem obter a salvação pela observância do sábado estão legalisticamente tentando o impossível. Mas

cremos também que, uma vez salvos pela graça divina, somos colocados em conformidade com a vontade de Deus expressa no Decálogo (Mat. 7:21; Rom. 3:31). Nesse sentido, a observância do sábado é apenas um fruto da salvação e não uma condição para a salvação (João 14:15; 15:1-5).

**Ministério:** Outro ponto controverso é o ministério de Ellen White.

**Dr. Timm:** A Igreja Adventista do Sétimo Dia crê que o dom profético é um dom do Espírito, concedido à Igreja cristã, que não se restringe apenas à era apostólica (Rom. 12:6; I Cor. 12:10, 28; Efés. 4:11-14; I Tess. 5:19-21; I João 4:1); e que Ellen White foi uma profetiza não-canônica, com a mesma autoridade dos demais profetas verdadeiros que não participaram do cânon bíblico (Noé, Miriã, Natã, Elias, Eliseu, Hulda, João Batista, as quatro filhas de Filipe, etc). Os adventistas aceitam os escritos de Ellen White porque crêem que estes estão em perfeita harmonia com as Escrituras. Rejeitar as mensagens enviadas por Deus através de qualquer um dos Seus mensageiros não é coisa de somenos importância (Luc. 10:16; 13:34).

**Ministério:** O que o senhor diz sobre as críticas à posição adventista sobre o Santuário Celestial e o Juízo Investigativo?

**Dr. Timm:** O assunto do santuário é um dos temas predominantes das Escrituras. No Antigo Testamento, de acordo com Richard M. Davidson, cerca de 45 capítulos do Pentateuco e aproximadamente 45 capítulos adicionais dos profetas e dos Escritos tratam do santuário e de seus serviços, sem contar o livro dos Salmos, que compreendia a própria música do santuário. Já o Novo Testamento introduz a Cristo como "o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29), e aborda detidamente, em dois de seus livros (Hebreus e Apocalipse), o sacerdócio de Cristo no santuário/templo celestial. Se o tema do santuário é tão amplamente mencionado ao longo da Palavra de Deus, e se o verdadeiro filho de Deus é aquele que vive "de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mat. 4:4), não vejo qualquer justificativa plausível à atitude da grande maioria dos cristãos que simplesmente desconhece esse tema. No que diz respeito ao juízo investigativo, vários estudos recentes têm demonstrado de forma abalizada e convincente, a base bíblica dessa doutrina. William Shea (*Selected Studies on Prophetic Interpretation*, págs. 1-24), por exemplo, identificou mais de 20 dife-

rentes juízos investigativos no Antigo Testamento, dentre os quais se destaca o de Judá, registrado em Ezequiel 1-10. Mas a despeito de todas as evidências bíblicas que atestam a existência de um juízo pré-advento (Dan. 7:9-14; Mat. 22:10-14; Apoc. 11:1 e 19, etc.), tal conceito é obviamente inaceitável aos que advogam a teoria da imortalidade da alma. Se a pessoa ao morrer já recebe imediatamente a sua recompensa, indo diretamente ao Céu ou ao inferno, que necessidade há de um juízo investigativo? E se o indivíduo ainda crê na teoria da dupla predestinação calvinista, a própria possibilidade para tal juízo acaba evaporando de uma vez por todas. Alguns indivíduos insistem que a pessoa que crê na inconsciência do ser humano no estado intermediário (durante a morte), como os adventistas, não pode ser considerada evangélica. Tais indivíduos deveriam reconsiderar sua posição, pois com essa atitude estão eliminando do rol de evangélicos homens da envergadura de Martinho Lutero, Oscar Cullmann e muitos outros, que também criam na inconsciência do homem na morte.

**Ministério:** Dizem os críticos, que os adventistas têm a Satanás como salvador, por causa da compreensão que têm sobre o bode expiatório e Azazel.

**Dr. Timm:** É uma falsa acusação, normalmente levantada por indivíduos mais preocupados em denegrir a imagem da Igreja Adventista do que em expressar a sua verdadeira posição sobre o assunto. A Igreja realmente crê que o "bode emissário" (hebraico *Azazel*) em Levítico 16 é um símbolo de Satanás (e não de Cristo), mas sem com isso colocar o inimigo como co-redentor com Cristo. Essa identificação é sugerida por Levítico 16:8, onde o bode "para *Azazel*" é mencionado em oposição ao bode "para o Senhor" (Bíblia de Jerusalém), e corroborada pela literatura pseudo-epígrafa, onde *Azazel* é consistentemente descrito como um ser demônio e líder das forças do mal (I Enoque 8:1; 9:6; 10:4-8; 13:1; 54:5 e 6; 55:4; 69:2; Apocalipse de Abraão 13:6-14; 14:4-6; 20:5-7; 22:5; 23:11; 29:6 e 7; 31:5). Mesmo não aceitando essa literatura como inspirada, é interessante notarmos que I Enoque 54:4-6 fala sobre o futuro aprisionamento dos "exércitos de *Azazel*", para serem lançados na fornalha de fogo do "grande dia do juízo", em termos muito semelhantes ao relato do aprisionamento e castigo final de "Satanás" mencionado em Apocalipse 20. Não é sem motivo que, de acordo com A. E.

Cundall, "a maioria dos eruditos aceita que Azazel é o líder dos espíritos maus do deserto". Embora, em sentido amplo, o próprio dia em que era realizada a purificação anual do santuário fosse chamado de "Dia da Expição" (Lev. 23:27 e 28) e o "bode emissário" considerado como parte do abarcante processo expiatório (Lev. 16:10), não podemos atribuir a esse bode prerrogativas salvíficas. Levítico 16 é claro em afirmar que uma expiação prévia por Arão "e pela sua casa" era efetuada pelo sacrifício de um "novilho" e pela aspersão do seu sangue (vs. 11-14); que a "expição pelo santuário" era realizada pelo sacrifício do "bode da oferta pelo pecado" e pela aspersão do seu sangue (vs. 15-19); que o cerimonial envolvendo o bode emissário só iniciava após o término da "expição pelo santuário, pela tenda da congregação e pelo altar" (vs. 20-22); e que outra "expição" específica pelo sumo-sacerdote "e pelo povo" ocorria através do oferecimento de holocaustos, após o bode emissário ter sido abandonado vivo no deserto (vs. 23-25). Uma vez que a expiação pelo pecado só ocorria através do "derramamento de sangue" (Heb. 9:22; Lev. 17:11), e que o bode emissário não era sacrificado (Lev. 16:21 e 22), cremos que a função desse bode era simbolicamente punitiva e não redentiva. Por outro lado, pretender que o "bode emissário" é um símbolo de Cristo significa desconhecer as funções distintas dos dois bodes mencionados em Levítico 16, bem como atribuir características nitidamente demoníacas a Cristo. Não podemos jamais esquecer de que Cristo é descrito nas Escrituras como havendo sido feito "pecado" apenas pelos seres humanos (I Cor. 5:21), mas nunca por Satanás ou por quaisquer dos demais anjos caídos.

**Ministério:** Qual sua opinião sobre a argumentação de que os adventistas fazem proselitismo entre os evangélicos?

**Dr. Timm:** Uma das características básicas do denominacionalismo americano, em contraste com o antigo territorialismo religioso europeu, é a convivência das diferentes denominações dentro de um ambiente que, embora doutrinariamente competitivo, é normalmente caracterizado por um espírito de democrático respeito eclesialístico. Lamentavelmente, porém, esse espírito nem sempre tem sido a marca distintiva dos círculos evangélicos do Brasil. É curioso notarmos a maneira parcial e tendenciosa como certos evangélicos brasileiros continuam encarando a questão do proselitismo. Quando membros de suas respectivas igrejas sentem-se

atraídos pelo apelo bíblico da mensagem adventista, e acabam se unindo eventualmente à Igreja Adventista, essa denominação é severamente criticada de praticar um proselitismo desleal, antievangélico e anticristão. Mas, em contrapartida, esses mesmos críticos não se inibem de declarar abertamente que seu próprio objetivo é "mobilizar a igreja [evangélica] para ganhar os adeptos das seitas [incluindo os adventistas do sétimo dia] para Cristo e tomar medidas preventivas para frear o crescimento das seitas e do ocultismo; informar a opinião pública nacional, através dos meios de comunicação, acerca dos perigos representados pelas seitas e pelo ocultismo" (*Defesa da Fé*, maio/junho 98, pág. 8; julho/setembro 97, págs. 22-28). Em outras palavras, o alvo não é eliminar toda e qualquer forma de proselitismo, mas apenas "frear" o proselitismo adventista, a fim de que o proselitismo evangélico entre os "secrários" adventistas obtenha maior êxito!

**Ministério:** Em termos missionários mundiais, como a Igreja Adventista está situada?

**Dr. Timm:** A Igreja Adventista do Sétimo Dia crê que tem a missão de contribuir para o cumprimento da grande comissão deixada por Cristo aos Seus seguidores, de pregar o evangelho do reino a todo o mundo. O cumprimento cabal dessa comissão envolve não apenas o "fazer discípulos de todas as nações" (Mat. 28:19), mas também o ensinar "a guardar todas as coisas" que Cristo ordenou em Sua Palavra (v. 20). Quando essa missão for concluída, "então virá o fim" (Mat. 24:14). A Igreja Adventista é um dos movimentos religiosos mais difundidos geograficamente, atuando, até 1995, em 207 países e 26 áreas adicionais. Mesmo não sendo tão expressiva numericamente como algumas outras denominações, essa Igreja possuía, em meados de 1996, mais de nove milhões de membros batizados, sem contar as crianças. No Brasil, o último censo religioso do IBGE revelou que em 1991, a Igreja Adventista, com 706.407 membros, era a quinta maior denominação evangélica, precedida apenas pela Assembleia de Deus (2.439.770 membros), pela Congregação Cristã no Brasil (1.635.984 membros), pela Igreja Batista (1.532.676 membros) e pela Igreja Luterana (1.029.679 membros).

**Ministério:** Como a Igreja Adventista se vê no contexto cristão e escatológico?

**Dr. Timm:** A Igreja Adventista crê que possui a solene missão de enfatizar os princípios protestantes da exclusividade das Es-

crituras (*sola Scriptura*) e da totalidade das Escrituras (*tota Scriptura*). Isso implica, primeiramente, permitir que a Bíblia se interprete a si mesma, pelo uso do método gramático-histórico de interpretação, característico da Reforma Protestante; e, em segundo lugar, aceitar a tradição, a razão e a experiência apenas na proporção em que elas estiverem em plena harmonia com a Palavra de Deus. A aceitação desses princípios hermenêuticos levou o movimento adventista a um compromisso inegociável com o processo de restauração das verdades bíblicas. Os adventistas sentem, por conseguinte, que é seu dever aprofundar constantemente o seu conhecimento das Escrituras e comunicar esse conhecimento a outros. Se os genuínos cristãos devem viver em conformidade com "toda palavra que procede da boca de Deus", e a própria missão do Espírito Santo é guiá-los "a toda a verdade", então não podemos nos contentar em proclamar apenas parte da verdade, mas devemos ensinar "todas as coisas" que Cristo ordenou ao longo das Escrituras. Os adventistas do sétimo dia também crêem que sua denominação é um movimento profético, surgido no término das 2300 tardes e manhãs de Daniel 8:14, com a solene missão de proclamar ao mundo a tríplice mensagem angélica de apocalipse 14:6-12. Essa proclamação há de suscitar uma nítida polarização entre os que adoram "a besta e a sua imagem" (Apoc. 14:9-11) e os que "guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus" (Apoc. 14:12). Apesar de serem alvo especial da ira satânica (Apoc. 12:17), este último grupo há de "perseverar até o fim", até ser vindicado e receber sua recompensa eterna por ocasião da volta de Cristo.

**Ministério:** Que mensagem o senhor teria para os críticos do adventismo?

**Dr. Timm:** Antes eu gostaria de apelar aos membros de nossa igreja, a que vivamos e proclamemos nossas convicções dentro do genuíno espírito cristão de amor pelos próprios inimigos. Aos críticos, eu gostaria de lembrar que o espírito de respeitosa convivência mútua, onde a competição se restringe à interpretação doutrinária das Escrituras, é uma das marcas distintivas do verdadeiro cristianismo. Em suas análises críticas do movimento, não desconheciam as fontes primárias, devidamente contextualizadas, e as obras representativas do pensamento denominacional. E se em seu ponto de vista algum componente da mensagem adventista merece ser refutado, permitam que as Escrituras falem mais alto do que as meras rotulações retóricas. □

# Crianças traumatizadas



## NORMA OSBORN

*Pastora associada, responsável pelo ministério infantil e educação cristã na igreja de Sligo, Maryland, Estados Unidos*

A mãe de Paulinho estava gravemente enferma e hospitalizada. Paulinho orou, bem como os seus colegas da escola. Eles criam que Deus poderia responder suas preces e curar a bondosa senhora. Sua fé era muito forte. As orações eram sinceras. Mas a mãe de Paulinho morreu, deixando o marido e seus três filhos arrasados. As crianças do terceiro ano da escola queriam entender por que isso aconteceu. Por que Deus permitiu que a mãe do Paulinho morresse?

Faz dez anos essa ocorrência. Eu estava no início do meu ministério. E tinha muito que aprender. Sentia-me despreparada e incapaz para ajudar aquelas crianças traumatizadas. Não havia explicações razoáveis. E ainda que houvesse alguma, não seria compreendida, porque a dor e o sentimento de perda eram grandes demais. É até possível que os adultos consigam falar sobre seus sentimentos, expressar sua ira ou frustração, partilhar suas perdas e tristezas. Mas o que dizer para as crianças?

Como as de quatro anos, as de sete ou as de dez anos são consoladas? Quero recordar aquela experiência e analisar o que sabia na ocasião e o que penso agora.

Crianças são sofredores freqüentemente esquecidos. Depois de uma morte ou um divórcio, os adultos ficam tão imersos em sua dor que não conseguem atender os filhos. Talvez eles mesmos não tenham consciência dos sinais que devem observar para tentar entender os sofrimentos pelos quais seus filhos estão passando. Como pastores, temos a tendência de cuidar dos adultos e achar que as crianças são uma extensão desse cuidado. Mas as coisas não acontecem assim necessariamente. As crianças precisam de atenção especial e também de apoio, de acordo com sua faixa de idade e circunstâncias que as rodeiam, para que também elas tenham como reagir adequadamente ao sofrimento.

### Mitos e verdades

Muitos de nós sabemos pouco a respeito das crianças e suas dores. Um recente seminário organizado pela Fundação Americana de Pesquisa do Sofrimento apresentou três mitos a respeito dos traumas, crianças e a realidade.

**Mito 1:** As crianças não sofrem.

**Realidade:** As crianças sofrem todas as perdas, através de fatos que se repetem várias vezes ao dia. Elas removem os sofrimentos e mágoas, muitas vezes sem saber que estão sofrendo e sem compreender seus sentimentos.

**Mito 2:** As crianças experimentam poucas perdas.

**Realidade:** As crianças

experimentam perdas todos os dias: na escola (em relação aos esportes, notas, competições, auto-estima, relacionamentos) e em casa (controle, compreensão, perdas disfuncionais da família – uma de cada sete crianças vê o pai ou a mãe morrer antes de ela completar dez anos).

**Mito 3:** A infância é o período mais feliz da vida.

**Realidade:** “Uma criança passa por seis estágios de desenvolvimento, entre o nascimento e a idade de 21 anos. Cada estágio é marcado por um período de contínuas mudanças em termos de conhecimento, sentimentos, e alterações físicas. Quase cada área da vida, em cada estágio de desenvolvimento, é totalmente controlada por circunstâncias que não podem ser alteradas pela própria criança.”<sup>1</sup>

### Pastoreando a criança

Como pastores, temos oportunidade de atender tanto a crianças como a adultos. E devemos levar a sério o fato de que



nosso chamado inclui essa população também. Eis algumas sugestões:

1. *Comece com a Escola Sabatina.* A Escola Sabatina é um bom lugar para professoras e crianças aprenderem a respeito das perdas e de como enfrentá-las. As professoras da Escola Sabatina têm uma oportunidade maravilhosa para partilhar com as crianças as questões relacionadas com o sofrimento e as perdas, à medida que estudam a Bíblia. As histórias de Isaque, Daniel, Ester, José e outros, falam de eventos traumáticos pelos quais tais jovens tiveram de passar. Deus ajudou as crianças que tiveram de sofrer no passado e pode fazer o mesmo hoje.

É importante falar sobre as perdas, antes que elas aconteçam, antes que a pessoa esteja emocionalmente envolvida. A igreja deveria ter um contínuo processo educacional para atender não somente os aflitos, mas também os que desejam ajudar os que estão padecendo algum tipo de aflição.

2. *Patrocinar programas de ajuda a crianças.* O programa *Rainbows* (Arco-íris)<sup>2</sup> é um exemplo. Ele é utilizado mundialmente para ajudar crianças que estão vivendo alguma situação de sofrimento por causa de morte, divórcio, separação ou abandono da família. Líderes treinados encontram-se com as crianças, em pequenos grupos, para entender seus sentimentos, ajudá-las a expressarem por si mesmas, oferecer-lhes apoio e mostrar que a crise não deve durar para sempre.

Quando a criança não consegue ultrapassar a dificuldade apenas com a dinâmica de grupo, os líderes observam para identificar sinais de perigo que podem indicar a necessidade de ser encaminhada para um atendimento profissional.

Como pastores, geralmente oferecemos um atendimento muito restrito. Visitamos antes do funeral e por ocasião da cerimônia, depois esquecemos a dor da família. Acontece que leva tempo superar a perda. Tanto adultos como crianças precisam de tempo para manobrar seu sofrimento.<sup>3</sup> A não ser que tenhamos um plano mais completo de atendimento vamos perder a oportunidade de auxiliar as crianças quando mais estiverem necessitando e a família estiver mais vulnerável.

A vantagem de possuir um programa desse tipo em nossas igrejas é óbvia. Se acha que não tem tempo para se tornar um especialista nesse assunto, delegue a responsabilidade. Dê apoio à pessoa que cuida do ministério da criança, inclusive concedendo-lhe um bom orçamento. Se esse

ministério ainda não estiver ativo, nomeie um grupo de membros de sua igreja para isso, e notará como estão ansiosos para iniciar um bom trabalho. Se possível, faça contato com o programa *Rainbow*, ou com outro semelhante.

3. *Organize uma Biblioteca com materiais relacionados à área.* Recentemente uma mãe me pediu para ajudar a sua filha, Sara, de sete anos. A avó, que vivera com elas nos últimos anos, estava para morrer e a mãe queria saber como tranquilizar a filha. Ela achava que seria muito traumático se a menina presenciasse a morte. Ainda bem que houve tempo para aquela mãe ler um capítulo de um livro que explica como as crianças de dois anos ou mais percebem a morte e que capacidade possuem para li-

## As crianças necessitam de que os adultos demonstrem empatia para com seus sentimentos.

dar com as questões relacionadas. Esse livro chega a sugerir as palavras que devemos usar para explicar a morte e como ajudar a criança a lidar com o sofrimento, em caso de morte dos pais, avós ou parentes; inclusive mortes por acidente, suicídio, assassinato e outras. O livro aconselha também a envolver a criança no planejamento do funeral e a estar presente às cerimônias, como parte importante do processo de solução do sofrimento. Mostra aos pais como é importante serem honestos e claros para com a criança, quando há uma situação de crise na família.

Fui visitar Sara e gastamos algum tempo juntas lendo e discutindo outro livro<sup>4</sup> no qual a autora conta a história do cãozinho de Josué. Quando o cão morre, o menino sente-se muito solitário; achando que ninguém entende seus sentimentos. Josué acaba descobrindo alguns "segredos", como: Quanto mais eu amo, mais eu sofro. Meus amigos querem me ajudar, mas não sabem como fazer isso. Cada um tem sua

maneira de lidar com as frustrações. Eu posso ajudar meus amigos quando estão sofrendo. Quando lemos isso, Sara refez seus próprios sentimentos. Algumas vezes, ela se identificava com Josué, noutras, não. Mas a experiência de ler a história foi boa para ela.

A biblioteca de sua igreja possui livros e vídeos que os pais podem usar e mostrar para seus filhos? As fontes de informação incluem a Internet, a biblioteca da cidade e pessoas ou centros especializados nesse trabalho.

4. *Reafirmar a fé e a segurança cristã.* A fé que sustentamos e a segurança que temos como cristãos podem confortar e animar as crianças. Quando Sara e eu conversávamos, ela me olhou diretamente e disse: "Eu vou ver a vovó de novo." A princípio, achei que ela não estava aceitando a realidade da morte. Por isso perguntei-lhe quando iria rever a avó. Sua resposta: "Ora, no Céu!" Podemos repartir a fé que mantém nosso relacionamento com Deus, relacionamento esse que não é quebrado por um caso de morte ou qualquer outra crise que apareça em nossa vida.

Crianças e adultos começam a se sentir melhor quando conseguem ir além das acusações ou justificativas e passam a prestar atenção às memórias e histórias daqueles que lhes são caros. Ainda assim necessitam expressar-se, e não devemos impedir isso. Os que choram carecem de nós como seus ouvintes. Não de respostas nossas. As crianças precisam de nossa empatia – habilidade para reconhecer os seus sentimentos mais íntimos, desde o ponto de vista da criança, pois essa é a chave do relacionamento que ajuda e cura. Quando percebem que há aceitação e amor, o processo curativo deslança, e elas passam a colocar a atenção nas lembranças, histórias e promessas de um relacionamento com Deus que irá durar toda a eternidade. □

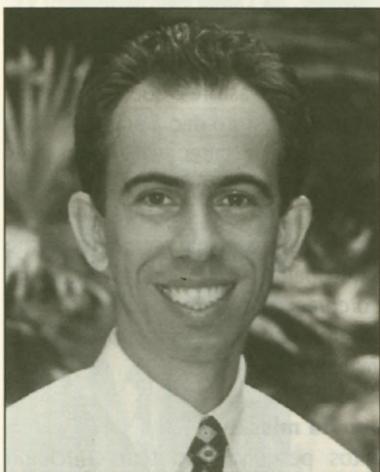
### Referências:

1. "Three Myths of Children's Grief", apresentado em um seminário da Grief Resource Foundation, 1978.
2. Endereços da Organização Rainbows: 1111 Tower Road, Schaumburg, IL 60173, USA. Telefone: 1-800-266-3206 ou 847-310-1880. Fax: 847-310-0120. E-mail: rainbows-hdqtrs@worldnet.att.net ou visite o site: www.rainbows.org.
3. Judith Allen Shelly, *The Spiritual Needs of Children* (Chicago: InterVarsity Press, 1982), pág. 113.
4. Doris Sanford, *It Must Hurt A Lot* (Portland: Multnomah Press, 1985).

# Vantagens de pastorados longos

JOBSON DORNELLES  
SANTOS

Pastor da Escola Bíblica da Voz da  
Profecia, Nova Friburgo, RJ.



É manhã de sábado e o templo está cheio. O pastor fará um sermão bastante paternal. Ele e sua família estarão se despedindo dos irmãos, rumo a um novo desafio. Lágrimas banham os rostos jovens e idosos. Por certo, a frase mais ouvida nos últimos dias foi: "Pastor, por favor, não nos deixe agora. Ainda precisamos muito de você."

Que qualidades esse pastor reuniu em si mesmo para ser tão apreciado assim pelos membros de sua comunidade? Talvez não muita coisa além de ter ficado naquele lugar tempo suficiente para fazer, com seu trabalho pastoral e sua consistente espiritualidade, uma grande diferença na vida deles. E isso é muito importante. Pastorados desenvolvidos em períodos demasiadamente curtos sempre deixam a desejar. Por is-

so deveríamos refletir um pouco mais sobre a necessidade de ser estabelecido um período mais extenso de permanência do pastor em um distrito ou numa igreja.

O objetivo deste artigo é apresentar a opinião de vários estudiosos sobre a duração do pastorado. Ao lado disso, enumeraremos os principais benefícios de uma permanência mais longa do pastor, num determinado lugar de trabalho. Não hesitamos em afirmar que, quando Jesus Cristo dirigiu-Se a Pedro com as palavras: "apascenta as Minhas ovelhas" (João 21:15-17), estava incluindo tudo o que era necessário para o bem-estar do rebanho. Sem dúvida, ficar em um determinado lugar tempo suficiente para conhecer mais profundamente os membros, é um componente importante da tarefa ministerial. Possibilita ao pastor, melhores condições de apascentar as ovelhas com mais eficientes cuidados e mais nutritivo e apropriado alimento espiritual. Além de mais efetivo programa de treinamento e envolvimento missionário.

## Falam os estudiosos

Pesquisadores ligados aos assuntos ministeriais e ao crescimento de igrejas afirmam que pastorados longos resultam mais produtivos. Segundo Lyle Schaller, "é raro encontrar uma igreja grande que tenha tido crescimento numérico significativo e tenha mantido esse crescimento sem os benefícios de um pastorado longo". (*Growing Plans: Strategies to Increase Your Church's Membership*, pág. 116).

Peter Wagner afirma que "há abundante evidência de que os anos mais produtivos de um pastorado raras vezes começam antes do quarto, quinto ou sexto ano de ministério pastoral em uma congregação". (*Your Church Can Be Health*, pág. 106).

Daniel Reeves e Ronald Jenson tam-

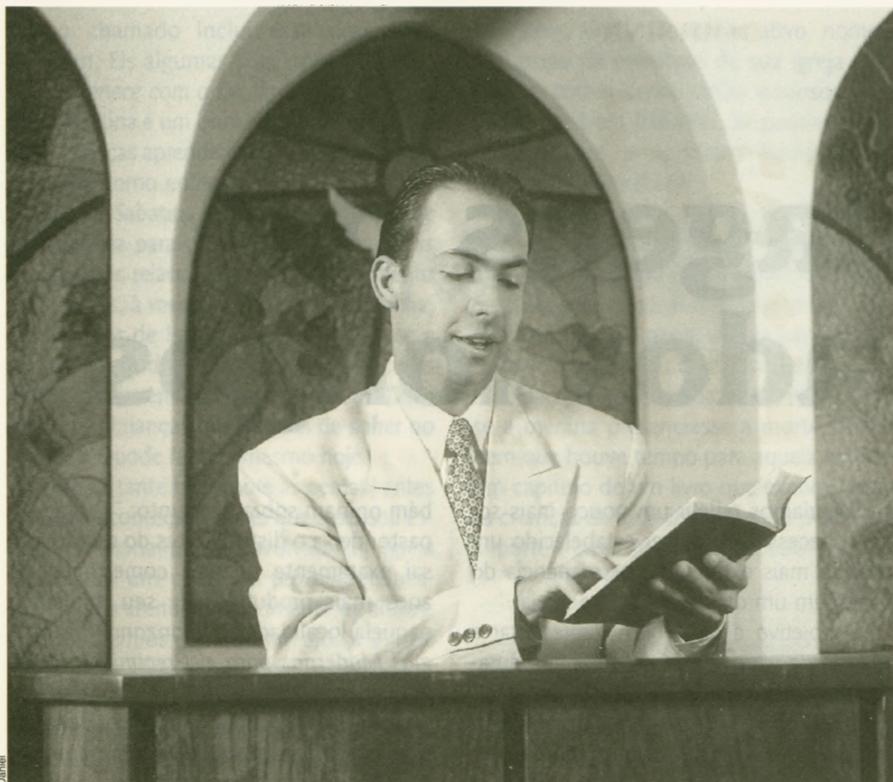
bém opinam sobre o assunto: "Quando o pastor deixa o distrito antes do quarto ano sai exatamente quando começariam os anos mais produtivos de seu ministério naquela localidade." (*Avanzando: Estrategias Modernas para el Crecimiento de la Iglesia*, pág. 23).

Lamentavelmente, o número de anos que os pastores adventistas têm permanecido nas igrejas é bem pequeno.

Um estudo realizado por Desmond Cummings, de 1976 a 1978, em igrejas adventistas de fala inglesa, nos Estados Unidos, revelou que a média dos pastorados foi de dois anos e três meses, segundo menciona Ricardo Zambelli em sua tese doutoral, intitulada *Implicaciones de la Duración de los Pastorados en la Argentina*, publicada em 1997 pela Universidade Adventista del Plata, pág. 62. No mesmo trabalho, Zambelli apontou que na Argentina os pastores adventistas permanecem em média dois anos e sete meses num distrito.

Em contato com alguns administradores da Igreja, pudemos constatar que, no Brasil, a média de duração dos pastorados é aproximadamente a mesma. Para o Dr. Daniel Rode, professor de Crescimento de Igreja, no Seminário Adventista del Plata, transferir pastores de forma tão freqüente é um erro estratégico.

Cuidar do rebanho exige tempo. Ellen White declara que "a obra do pastor não pode ser feita no escritório. Deve conversar com todos os membros de seu rebanho e captar o sentir dos pais e dos filhos. O médico da alma deveria averiguar as enfermidades espirituais que afetam os membros do rebanho, e então trabalhar para administrar os remédios apropriados e pedir ao Grande médico que venha em sua ajuda. Dê a eles a ajuda que necessitam. Tais ministros receberão todo o respeito e a hon-



ra devida como ministros de Cristo". (*Testimonies for the Church*, vol. 2, pág. 619).

Dessas considerações iniciais, podemos concluir que o pastor que permanece mais tempo num distrito está se habilitando para realizar um trabalho mais completo. E esse procedimento traz inúmeras vantagens para todos os envolvidos.

### **Benefícios para a igreja**

Quando o pastor assume a liderança de uma igreja, ele tem o título de pastor. Com o passar do tempo, depois de enterrar mortos, visitar enfermos e atender as diversas circunstâncias da vida, passa a ter a condição de pastor. É que somente então terá conquistado o coração do povo. Pastores que pela sua humildade e serviço demonstram aos membros que os compreendem e os amam, podem treinar discípulos e fazer a diferença na vida dos membros sob os seus cuidados.

Muitas igrejas não se lançam à realização de grandes coisas porque temem vir um novo pastor e pôr abaixo tudo o que foi anteriormente planejado. Pastorados longos dão à comunidade a motivação e a segurança necessárias para elaborar ousados planos e concretizá-los.

### **Benefícios para o pastor**

Segundo o Dr. Rode, um pastor com 15

anos de experiência, que esteve três anos em cada distrito, tem, na verdade, "três anos de experiência". O que ocorre é que ele apenas repetiu a experiência de ser pastor por três anos. Há certos privilégios e desafios que só aparecem com o tempo. Casar os jovens que antes eram adolescentes, chorar com aqueles que ele casou mas que agora estão se separando, acompanhar a experiência de solidificação na fé, vivida pelos novos membros; tudo isso amadurece um pastor.

Passar mais tempo numa localidade ajuda o pastor em seu crescimento pessoal. Obriga-o a preparar novos sermões e, conseqüentemente, a estudar mais. Dá-lhe melhor compreensão de si mesmo e da natureza humana. Possibilita-lhe a oportunidade de amar verdadeiramente a seu povo.

### **Benefícios para a família pastoral**

Quando o pastor é transferido para uma nova localidade, é difícil para sua família deixar os amigos e começar novas amizades.

Cada mudança representa um desgaste físico e emocional muito grande para a esposa. Colocar todas as coisas no devido lugar é um trabalho estafante. Ver os móveis da casa se deteriorando é algo que pode abatê-la e frustrar. Ela pode ter problemas com trabalho, se for o caso de exercer

alguma atividade fora do lar. O mais difícil, entretanto, é a saudade de pessoas queridas e a incerteza de como será recebida nesta nova comunidade.

As crianças também sofrem com mudanças freqüentes. Com sua natureza sensível, elas se ressentem da falta dos amiguinhos e do ambiente com o qual estavam acostumadas. Acabam ficando crianças desprovidas de raízes sociais; algumas até sem laços emocionais sólidos. Não raras vezes, as crianças têm dificuldades na escola. Pastorados longos diminuem esses inconvenientes.

### **Benefícios para o Campo**

A Associação, ou Missão, perde muito com a mudança freqüente de seus pastores. Aqueles que permanecem mais tempo num lugar conhecem melhor a realidade dos distritos. Tornam-se uma ajuda para os líderes, na tarefa de planejarem estratégias para o desenvolvimento da Igreja naquela região.

Além disso, pastores que ficam mais tempo em um distrito dão à administração a oportunidade de saber avaliar com mais segurança a qualidade real do seu ministério. Quando um pastor fica mais de quatro anos em uma localidade, sendo amado e respeitado pelos membros, prova que ganhou o coração do povo, e isso é fruto de um trabalho consciente, criterioso, capaz, bem realizado.

### **Avanço da missão**

Muitos pesquisadores têm concluído que pastorados de longa duração produzem maior crescimento missionário da igreja. É que os pastores passam a conhecer melhor as características das pessoas do seu território, assim como conhecem na mesma medida as qualificações dos membros. Com isso, têm a chave da mobilização leiga nas suas mãos. Não existe ninguém melhor que esses pastores para motivar a igreja para a ação.

Além do testemunho dos eruditos, em minha própria experiência, após trabalhar como pastor em cinco distritos diferentes, posso hoje reconhecer ter sido mais produtivo, justamente onde permaneci durante um período maior.

Os frutos de um pastorado de longa duração poderão ser mais que compensadores, em termos de desenvolvimento pessoal, satisfação familiar e cumprimento da missão. Vale a pena experimentar. □

# O pecado original

**JOSE CARLOS RAMOS**

D.Min., diretor do programa doutoral do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia



Divulgação

A doutrina do pecado original foi motivo de controvérsia desde o princípio, variando as posições desde o extremo da imputação dele a todos, com uma conseqüente culpabilidade e condenação universais, até o outro extremo da total isenção da raça humana mesmo dos mínimos efeitos ocasionados por ele. Tentaremos, neste estudo, determinar o conceito tradicional do tema, seu desenvolvimento e sustentação histórica, e finalmente situar a posição adventista, a nosso ver mediana entre os extremos.

Segundo a tradição cristã clássica, o pecado original é caracterizado pela pecaminosidade e culpabilidade universal e hereditária do homem desde a queda. É contrastado com pecado real, isto é, a violação consciente da Lei de Deus, por pensamento e por ato, fruto do pecado original.

Pecado original não se refere à origem do pecado como tal; não é um conceito temporal, mas teológico. Historicamente falando, Eva pecou antes de Adão.

É o primeiro pecado de Adão que é reputado como pecado original, e se torna a fonte de todos os outros pecados, inclusive os do próprio Adão. Assim, os demais pecados de Adão não estão incluídos no pecado original. Suas conseqüências e razão delas, segundo o conceito, podem ser observadas nestas palavras de Strong: "O pecado de Adão é a causa e a base da depravação, culpa e condenação de toda a sua posteridade, simplesmente porque Adão e sua posteridade são um, e, em virtude de sua unidade orgânica, o pecado de Adão é o pecado da raça." (*Systematic Theology*, pág. 594). Isso significa que "o pecado de Adão é imputado, contado, ou responsabilizado a cada membro da raça da qual ele foi o germe e cabeça". (*Ibidem*)

## Desenvolvimento da doutrina

Ingredientes da doutrina do pecado original são encontrados em Justino Mártir (100-165 a.D.), Irineu (130-200 a.D.), Tertuliano (150-225 a.D.) e Orígenes (185-254 a.D.). Este último era preexistencialista quanto à alma humana, isto é, ele cria que a alma antecede o corpo em sua existência. Baseado nisso, Orígenes ensinava que a humanidade fora criada para a disciplina e purificação de almas, ou espíritos, que haviam caído no pecado. Para ele, portanto, o pecado original situa-se antes da queda de Adão propriamente dito.

Santo Agostinho (354-430 a.D.) formulou definitivamente a doutrina, ligando-a ao pecado de Adão. Para ele, os anjos e o homem foram criados com a faculdade de permanecer leais ou se rebelarem contra Deus. Alguns anjos se rebelaram e se diziram o homem, que a exemplo daque-

les, foi condenado à ignorância, ao desejo insaciável e à concupiscência. O homem se tornou uma presa das paixões e não pode por seu próprio recurso recuperar seu estado anterior ao da queda.

O pecado de Adão corrompeu toda a raça que se tornou uma massa de pecado, no sentido de que o pecado original, qual fermento na massa, permeou toda a raça. Portanto, embora tenha sido cometido apenas por Adão, o pecado original é visto em toda a humanidade.

Para esse teólogo, o pecado original não é de natureza psicológica, mas metafísica; isto é, tem a ver com a constituição do ser. Os humanos não apenas herdam de Adão a tendência para o pecado, mas o próprio pecado de Adão com sua culpa. A idéia é que em nosso primeiro pai, todos, indistintamente, comemos o fruto proibido. Resumindo, o pecado de Adão é transmitido a todos os homens e os torna culpados. Adão é visto como (1) o pai físico da raça. Na qualidade de descendentes de Adão, os homens são pecadores porque herdam seu pecado. A tendência pecaminosa tanto quanto a culpa são transmitidas pelo processo da geração. Trazemos o mal em nossos genes. Nossa própria tendência é tomada como pecado, daí a lógica da culpa. (2) O representante da raça. Todos os homens são pecadores em Adão, e com ele participaram de seu pecado. Adão pecou, todos pecaram nele. Há um tipo de solidariedade de todos no pecado e na culpa de Adão.

Deus imputa a cada ser humano o pecado de Adão. Conseqüentemente, todos são culpados do mesmo. É um pecado contraído e não cometido. No entanto, é um pecado de cada um. Não se contrai por imitação, mas por herança e imputação.

Em contrapartida, Pelágio, monge britânico contemporâneo de Agostinho, não aceitou o pecado original sustentado por este. Seus postulados básicos eram os seguintes:

1) A humanidade não se fez presente em Adão. A idéia de representação não existe.

2) Deus não exigiria do homem o que este não pudesse fazer. A vontade humana deve ser considerada para fazer o bem ou o mal. Essa liberdade não foi perdida em Adão.

3) Pecado só tem sentido como ação, e nunca como condição. Assim, a morte de qualquer ser humano é natural e não por castigo pelo pecado de Adão.

4) A morte que Adão sofreu foi natural e não um castigo pelo pecado. Assim a

morte de qualquer ser humano é natural e não punição do pecado de Adão.

5) O pecado é universal devido ao hábito universal do homem pecar.

6) O pecado original é mais de caráter psicológico do que espiritual, pois a contínua insistência no fato de que o homem é depravado e debilitado condiciona-o ao pecado. Isso, somado à realidade da presença do mal, faz o homem pender mais para o pecado, mas não significa que ele não possa praticar o bem, se assim o decidir.

7) A queda trouxe a morte espiritual de Adão; porém, atingiu a sua posteridade somente como exemplo.

Pelágio afirmava não aceitar a idéia do pecado original porque se dizia criacionista, isto é, afirmava que cada pessoa vem ao mundo com uma alma criada diretamente por Deus em estado de inocência, livre das tendências depravadas e com a mesma capacidade de servir a Deus como teve Adão no momento de sua criação.

Pelágio foi acusado por Agostinho de desprezar a graça e considerá-la desnecessária, podendo o homem salvar-se a si próprio. E embora ele negasse ser essa a sua posição, em 418 a.D., o Concílio de Cartago condenou suas conclusões.

## Os reformadores

Lutero equiparava o pecado original com a concupiscência, e seguiu Agostinho de perto. De acordo com a confissão de Augsburgo, "após a queda todos os homens gerados segundo o curso normal da natureza são nascidos em pecado. Esta afinidade, ou falha original, é verdadeiramente pecado, condenando e trazendo morte eterna, inclusive agora, sobre todos os que não são nascidos de novo pelo batismo e pelo Espírito Santo".

Melanchton ensinava que devido à queda de Adão, todos os homens que nascem naturalmente são concebidos e nascem em pecado, isto é, que todos eles estão cheios de concupiscência e de más inclinações desde o seio materno, e não podem, por natureza, ter nenhum temor de Deus nem uma verdadeira fé nele; que a mesma concupiscência e o pecado original inatos são verdadeiros pecados, e todos os que não nasceram pelo batismo e pelo Espírito Santo são condenados pela ira eterna de Deus.

Calvino admitiu também o pecado original e a incapacidade do homem servir a Deus.

Fazendo coro com os reformadores, a Igreja Anglicana sustenta o mesmo ponto de vista: "O pecado original é a falta e corrupção de todo homem por meio das quais

todo indivíduo está separado de sua retidão original e é, por sua própria natureza, inclinado ao mal, de maneira que a carne tem sempre desejos contrários ao espírito; e, portanto, cada pessoa nascida neste mundo merece a ira e a condenação de Deus."

Dentre os reformadores, "somente Zwinglio rompeu radicalmente com a doutrina agostiniana. Sem negar que Adão trouxe corrupção universal sobre a humanidade, ele admitia a culpa somente quando a inclinação para o mal fosse apropriada por um ato da vontade. Fora disso, a inclinação é apenas uma enfermidade ou moléstia". (*The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia*, artigo "Pecado", vol. 10, pág. 436). É interessante que, embora Zwinglio mantivesse essa posição e defendesse ardorosamente a Bíblia como única autoridade em matéria de fé e doutrina, ele jamais repudiou o batismo infantil, conforme evidenciado em suas calorosas discussões com os anabatistas. Mais tarde, Armínio (1560-1609), professor da Universidade de Lyden, na Holanda, tornou-se o principal expositor da posição de Zwinglio quanto ao pecado original. Mesmo reconhecendo o conceito da solidariedade da raça com Adão, ele se opôs à doutrina do pecado original nos seguintes termos:

1) Os homens, enquanto na transgressão de Adão, estão destituídos da justiça original e devem sofrer as conseqüências da miséria e da morte.

2) Os homens herdam de Adão a incapacidade da obediência a Deus, gerada pela tendência para o pecado.

3) A má tendência e o estado pecaminoso podem ser chamados pecado, mas não envolvem em si mesmos culpa ou punição; menos ainda deve cada membro da humanidade ser considerado culpado do pecado de Adão. O homem herda o pecado somente como enfermidade e má tendência, nunca como imputação do ato de Adão, ou como culpa herdada.

4) Deus somente imputa como pecado as tendências herdadas quando o homem conscientemente permite que elas o levem a pecar.

5) A morte deve ser encarada como conseqüência do pecado e não como pena partilhada pela humanidade do pecado de Adão. Essa conseqüência se deve ao fato de que todos transformam em atos pecaminosos suas tendências herdadas para o pecado.

6) Sem Cristo, o homem não pode alcançar a vida eterna.

7) Tão logo o homem atinja condição de consciência, Deus lhe provê a influên-

cia do Espírito Santo, para que possa resistir à tendência para o pecado. A condição de obediência é assim providenciada.

8) O homem deve cooperar com Deus, colocando sua vontade ao lado de Deus.

## Posição adventista

Os metodistas são atualmente os principais representantes da posição de Armínio. Os adventistas do sétimo dia não são totalmente arminianos; apenas se aproximam do seu pensamento. A exemplo de Armínio, não admitimos que cada ser humano deva ser responsabilizado pelo pecado de Adão e que Deus considera a cada um culpado daquela transgressão. "Só nos tornamos culpados quando resolvemos pecar", diz Hebert Kiesler (*Lição da Escola Sabatina*, 4º trimestre de 1990, ed. do professor, pág. 64). Mesmo assim, julgamos questionável que, após a nossa primeira transgressão, Deus nos culpe do pecado de Adão. Se é isso que o Dr. Kiesler está dizendo, fica difícil entender que esta circunstância, o nosso primeiro pecado, justifique a ação divina de nos fazer culpados de um pecado que não nós, mas Adão haja cometido.

Tudo o que podemos dizer com segurança é que herdamos de Adão, por descendência o *status* de pecadores, e estamos sujeitos às implicações dessa condição – inclusive o de nascermos sob condenação – Paulo diz que antes da conversão os homens são "por natureza filhos da ira" (Efés. 2:3) –, simplesmente porque nosso primeiro pai não poderia transmitir outra coisa aos seus descendentes. Em nossa crença fundamental nº 7, afirmamos que os descendentes de Adão partilham de sua "natureza caída [portanto, pecaminosa e perdida] e de suas conseqüências. Nascem com fraquezas e tendências para o mal". (*Nisto Cremos*, 1989, pág. 114). "A universal pecaminosidade da raça humana constitui evidência de que por natureza tendemos ao mal e não ao bem." (*Ibidem*, pág. 132). Isso significa que a raça derivada de Adão estaria literalmente perdida não fosse o plano de salvação idealizado e realizado por Deus. "A imortalidade, prometida ao homem sob condição de obediência, foi perdida pela transgressão. Adão não poderia transmitir à sua posteridade aquilo que não possuía; e não poderia haver esperança alguma para a raça caída se, pelo sacrifício de Seu Filho, Deus não houvesse trazido a imortalidade ao seu alcance." (*O Grande Conflito*, págs. 532 e 533).

Essa afirmação de Ellen White dá a en-

tender que se Cristo não Se dispusesse a ser o Salvador, a história humana atual começaria com a queda, como realmente começa, e terminaria na dissolução da morte. Daí ela dizer que "não haveria esperança alguma para a raça decaída" não Se dispusesse Cristo a vir em seu socorro. Mediante o plano da redenção, todavia, os homens devem responder diante de Deus. Eles morrem e ressuscitarão para receber a recompensa eterna em termos de salvação ou perdição. Mas os que estiverem perdidos então, assim estarão não porque o pecado de alguém lhes foi imputado, mas porque rejeitaram a graça salvadora e preferiram permanecer em seus próprios pecados. É por isso que, mediante o evangelho, a substância do pecado passa a ser a incredulidade, ou mais precisamente rejeitar a Cristo como Salvador (ver João 16:9). E quando chegar o tempo do ajuste final, todos os membros da humanidade, indistintamente todos, terão assumido o seu posicionamento em relação a esse fato. E é também por isso que, naquele dia, nenhum perdido poderá responsabilizar Adão por não estar salvo.

Viver, não importa quanto tempo, e depois morrer é, evidentemente, consequência natural do primeiro pecado, mas não é determinado pela imputação desse pecado. Dizer que aquele pecado deve ser imputado a cada ser humano porque Adão é cabeça da raça e todos somos solidários com ele, nos leva a indagar a razão por que não foram imputados a cada ser humano todos os demais pecados de Adão, mas somente o primeiro. Teríamos deixado de ser solidários com ele após a queda? Não é muito mais sensato admitir a transmissão biológica e espiritual de uma situação originada com a queda, sem qualquer sentido de imputação, situação esta que, para existir, bastou o primeiro pecado de Adão? Para essa posição existe pelo menos a comprovação da experiência humana.

Quanto à posição tradicional da doutrina, todavia, os próprios que a esposam reconhecem não passar de uma hipótese, como bem o define Strong: "Devemos lembrar, contudo, que enquanto esta teoria do método de nossa união com Adão é meramente uma valiosa hipótese, o problema que ela procura explicar, em ambos os termos, é-nos apresentado pela consciência e pela Escritura." (*Systematic Theology*, pág. 625). Não está fora de questão se realmente explica o problema, mas as passagens bíblicas geralmente alegadas como suporte para a doutrina são: II Cor. 5:14; I Cor. 15:21; Sal. 51:5; Heb. 7:9 e 10

e, particularmente, Rom. 5:12-21 (com ênfase nos versos 12 e 14).

### Aparentes dificuldades

A posição adventista sobre a questão do pecado original encontra, porém, algumas dificuldades aparentes, conforme analisadas a seguir:

1) Paulo afirma que todos nós pecamos em Adão. Bem, tudo o que o apóstolo afirma na parte final de Rom. 5:12 é que, com a queda, o pecado ganhou feições universais. De Adão, todos os membros da humanidade herdaram o *status* de pecador, "todos se tornaram pecadores". Através da desobediência de Adão, portanto, o pecado com suas implicações atingiu a todos. Nesse aspecto, é aceitável a idéia de nossa solidariedade com Adão. "É a desobediência

## Nenhum perdido poderá responsabilizar Adão por não estar salvo.

que torna pecadora uma pessoa, e não meramente seus próprios atos de pecado (desobediência). Isto está em harmonia com o pensamento hebreu de solidariedade", afirma Norman R. Gulley (*Preliminary Consideration of the Effects and Implications of Adam's Sin*, *Adventist Perspectives*, 1988, vol. II, nº 2, pág. 36). Isso quer dizer que primariamente pecamos porque somos pecadores, e não que somos pecadores porque pecamos. Mas afirmar que Paulo está declarando que todos nós pecamos o pecado de Adão é exagerar o significado de suas palavras. A idéia básica é a universalidade do pecado e da morte; no dizer de Charles Erdman, "dado necessário para que Paulo possa com ele comparar a larga influência da obra salvadora de Cristo" (*Comentário de Romanos*, pág. 69). O pecado não é um simples ato individual, mas, como lembra John Robinson, acha-se "entretido na contextura da própria humanidade". (*Wrestling with Romans*, pág. 62). Nossa própria natureza pecaminosa, que herdamos de Adão, é, ela mesma, pecado e, portanto, inimizada contra Deus (Rom. 8:7; ver Gulley, págs. 37 e 38 e *Nisto Cremos*, 1989, págs. 131 e 132).

2) O ensino de Paulo deixa claro que a justiça de Cristo é imputada a todo aquele que crê, isto é, a todo aquele que se torna membro da humanidade que O tem por cabeça. Já que o apóstolo, em Rom. 5, estabelece uma analogia entre Cristo e Adão, temos de convir que o pecado deste é, da mesma forma, imputado àqueles que são membros da humanidade que o têm por cabeça. É inegável que Paulo usa de analogia em sua argumentação, mas devemos notar que essa analogia não é perfeita. O próprio apóstolo nos lembra esse fato nos versos 15 e 16. O paralelo se desenvolve numa forma de contraste que estabelece uma equivalência apenas parcial. Em ponto algum Paulo fala em imputação de pecado, salvo no verso 13, onde transparece o sentido de pecados pessoais. Tudo o que podemos deduzir, com segurança, é que a imputação da justiça de Cristo ao pecador crente é algo que Deus realiza para reverter a situação do homem desde a queda. Essa situação, todavia, é uma questão de condicionamento e não de imputação. Esse condicionamento significa que o homem nasce subordinado já aos efeitos do pecado, introduzidos pela desobediência de Adão, conforme Gulley.

3) Como é possível a um ser humano nascer sob condenação, se não há imputação de pecado à criança ao nascer? Não afirma Paulo que da ofensa de um só (Adão) deriva o juízo para condenação de todos (vs. 16 e 18)? Isso não comprova a idéia da imputação? Não comprova, desde que lembremos que Paulo fala em juízo e condenação em termos de Gên 2:17 e 3:16-19, 22-24 (que é o contexto do Velho Testamento daquilo que ele tem em vista em Romanos 5), e não do juízo final, que é decorrência do plano da redenção (cf. Rom. 2:4-16, principalmente a última parte do verso 16), tanto quanto ele fala da morte não em termos da morte eterna a ser infligida no final, como costumamos referir, como punição àqueles que rejeitarem a graça, mas como algo em operação desde a queda, e que resulta na dissolução imposta pelo pecado, o que de qualquer forma confirmaria, não fosse a intervenção salvífica de Deus, a total e definitiva alienação dEle. Esse tipo de juízo, condenação e morte faz parte do pacote que todos recebemos de nosso primeiro pai, ao nos legar ele uma condição pecaminosa, que por si só é pecado e está em necessidade de redenção. Para fazer face a esse pacote, Deus entrou com o plano da redenção, como diz Paulo, muito mais abundante em suas provisões. Esse plano não enfrenta

apenas esse pacote, mas também a toda uma vida de pecados próprios de toda a humanidade. Todo o problema do pecado, diz Paulo, "deriva de uma só ofensa [a de Adão]", mas o que Deus fez tem em vista "muitas ofensas [as de Adão, incluindo a primeira, e as de todos os seus descendentes, com todas as suas implicações], para a justificação" (v. 16).

4) Ellen G. White afirma explicitamente que a humanidade partilha da culpa de Adão. Os trechos que poderiam ser citados e que aparentemente favorecem essa idéia são os seguintes: "O pecado de nossos primeiros pais acarretou a culpa e a tristeza sobre o mundo, e se não fora a bondade e misericórdia de Deus, teria mergulhado a raça humana em irremediável desespero." (*Patriarcas e Profetas*, pág. 55). "Com relação ao primeiro Adão, os homens nada receberam dele senão a culpa e a sentença de morte. Mas entra Cristo e passa pelo terreno em que Adão caiu, suportando cada prova em favor do homem." (*SDABC*, vol. 6, pág. 1074; *Orientação da Criança*, pág. 475). Essas declarações precisam ser entendidas à luz do que ela diz sobre o assunto. Para ela, um filho não se torna culpado dos pecados dos pais, embora sofra as conseqüências dele, a não ser que participe desse pecado (ver *Patriarcas e Profetas*, págs. 112 e 113; *O Grande Conflito*, págs. 24 e 25). "A culpa trazida sobre o mundo pelo pecado de Adão resulta do fato de que a natureza decaída é predisposta a escolher o pecado", diz Kiesler. E juntamos que não somos apenas predispostos a escolher o pecado, mas que acabamos por escolhê-lo, mesmo por praticá-lo. "Não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e que não peque." (Ecles. 7:20). Somos tão culpados do pecado, quando o cometermos, quanto Adão se tornou culpado ao pecar. A culpa é contraída não por imputação mas por comissão.

5) Segundo a doutrina tradicional, uma criança se salva mediante o batismo que a liberta da mácula do pecado original. Todavia, a maneira como os adventistas entendem a questão do pecado original implica que todas as crianças indistintamente estejam salvas. Não necessariamente. Não se deve olvidar que a Igreja admite o nascimento sob condenação, segundo o exposto acima, e que escapamos dessa condenação apenas pelo exercício da fé em Jesus como Salvador pessoal. Portanto, o batismo aplicado a uma criança que está impossibilitada de crer por não possuir ainda a consciência moral, não tem valor

para a salvação. Que uma pessoa não está salva meramente por ser uma criança com tenra idade, deduz-se do fato de que no passado o próprio Deus, em determinadas ocasiões e circunstâncias, não poupou a vida delas (como no caso do dilúvio, por exemplo). Portanto, uma criança recém-nascida necessita do Salvador para ser salva, e se necessita do Salvador é porque ela é pecadora. Aliás, é-nos dito que já ao sermos concebidos, e não apenas em nosso nascimento nove meses mais tarde, o pecado se faz presente (Sal. 51:5). É por isso que o novo nascimento é algo necessário para a salvação. "Ao passo que o nascimento natural marca todas as pessoas com os resultados da transgressão de Adão, todo aquele que experimenta o nascimento espiritual recebe os benefícios da perfeita vida e do perfeito sacrifício de Cristo... A rebelião de Adão resultou em pecado, condenação e morte para todos. Cristo inverteu a tendência descendente." (*Nisto cremos*, 1989, pág. 162).

É possível que com muitas crianças venha a ocorrer, com respeito ao destino eterno, o mesmo que Ellen G. White afirmou de certas pessoas que, degradadas ao extremo, tiveram suas faculdades morais imergidas totalmente na vontade e decisão de terceiros, isto é, não possuíram consciência moral: "Deus não pode levar para o Céu o escravo que tem sido conservado em ignorância e degradação, nada sabendo sobre Deus ou da Bíblia, nada temendo senão o açoite do seu senhor e conservado em posição mais baixa que a dos brutos. Mas Deus faz por ele o melhor que um Deus compassivo pode fazer. Permite-lhe ser como se nunca tivesse existido." (*Primeiros Escritos*, pág. 276).

Por outro lado, os adventistas acreditam na salvação de muitas crianças em vista da fé dos pais (*Mensagens Escolhidas*, vol. 3, pág. 314), isto é, elas se salvam como uma extensão de seus pais. Sobre as alegrias ocasionadas pela ressurreição no dia da volta de Jesus, Ellen White afirma: "Crianças são levadas pelos santos anjos aos braços de suas mães." (*O Grande Conflito*, pág. 643). Ela fala também de pequeninos que não terão mãe no reino eterno e serão cuidados pelos anjos (*Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 260). Estariam salvos sem os seus pais pelo fato de ao morrerem estarem estes em comunhão com Deus e virem a se apostataram depois? Não sabemos ao certo. Quem sabe esses pequeninos, de quem ela fala, estavam já numa idade que lhes permitia aceitar Jesus como seu Salvador, e haviam

morrido crentes (cf. Mat. 18:1-6). O assunto da salvação das crianças de tenra idade é delicado e controvertido, e para determinadas questões, o silêncio é a melhor resposta. É possível que não estejamos autorizados a dizer que todas as crianças de pais que professam crer estejam salvas, e que todos os filhinhos de pais considerados descrentes estejam perdidos. Ellen White também reconhece que "muitos pais descrentes dirigem seus filhos com maior sabedoria do que muitos dos que pretendem ser filhos de Deus. Eles fazem grande esforço por seus filhos, a fim de torná-los bondosos, corteses, altruístas, e para ensiná-los a obedecer, e neste sentido os descrentes manifestam maior sabedoria do que os pais que possuem a grande luz da verdade, mas cujas obras não correspondem absolutamente com sua fé". (*Ibidem*, vol. 3, pág. 315). Dessa forma, "o procedimento dos pais está determinando o bem-estar futuro de seus filhos". (*Idem*).

Uma coisa, entretanto, é certa: um Deus que Se deleita na salvação dos perdidos a ponto de providenciar todos os recursos para que isso aconteça, agirá com justiça, misericórdia e amor em todos os casos.

## A saída

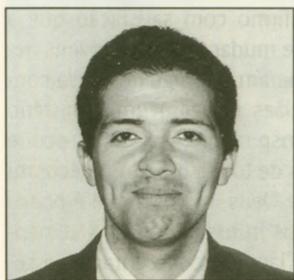
Tentamos responder, neste estudo, a pergunta: "somos culpados de um crime – a transgressão inicial de Adão – que não cometemos?" Não. Deus não nos culpa por um pecado que não praticamos. Mas este é apenas um lado da moeda. Enquanto o primeiro pecado do primeiro homem não é imputado a mais ninguém, é inegável que esse pecado fez com que todos nos tornássemos pecadores, sujeitos às tristes conseqüências do mal. Herdamos de Adão não o seu pecado, mas a condição que este determinou a ele e a todos os que dele procedem. É por isso que, sem exceção, todos, independente de nacionalidade, sexo, condição social, idade, etc., necessitam do plano da redenção para serem salvos. E quanto a tal plano, o testemunho bíblico é claro: "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos." (Atos 4:12). Esse nome é Jesus.

E quanto a nós, para cujo benefício o plano foi suprido, não nos cabe outra coisa senão aceitar a provisão divina nos termos da fé: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa." (Atos 16:31). Com isso, o problema do pecado, como condição e prática, não importa o conceito, fica totalmente resolvido. E não é o que todos queremos? □

# Um ministério compensador

**JAIME CHANDIA G.**

*Diretor de Assuntos Estudantis da Universidade Adventista do Chile*



Divulgação

**E**stávamos em novembro de 1996, após dialogar com Manuel, um aluno que vibrava com o trabalho desenvolvido entre a juventude, atraído pela idéia de ser um capelão. Foi aí que me senti motivado a escrever este artigo.

Depois de seis anos na capelania do ensino médio ou secundário, descobri que é possível partilhar alguma coisa com aqueles companheiros de ministério que estão iniciando esta saudável experiência e para aqueles que nutrem uma visão diferente a respeito do ministério de capelão escolar.

Tal como o pastor distrital, o professor, o médico-missionário e o colportor, o capelão também é um ministro de Deus. Aliás, nele se encontra o perfil pastor-mestre.

Considero ser o ministério da capelania uma bênção inefável. Ao ser convidado a desempenhar o trabalho de capelão, pela segunda vez, aceitei o chamado sabendo que Deus nem sempre chama pessoas capazes, mas capacita a todos os que chama. Por isso mesmo, orei muito, consultei

colegas que estavam no mesmo trabalho, ligados a instituições educativas próximas, e deles aprendi as noções básicas para iniciar o trabalho. Isso sem falar nas orientações valiosas recebidas de ex-professores.

No desenvolvimento dessa experiência, cheguei à convicção de que o capelão é o pastor da unidade educativa. Possui uma igreja com o número de membros equivalente ao registro de alunos da instituição. Os professores, além de ovelhas, também são seus mais íntimos colaboradores e diretores dos departamentos da igreja estudantil.

Tentarei apresentar o assunto a partir de duas perspectivas: a função óbvia do capelão na área docente, e sua função pastoral e evangelística. Na verdade, a separação existe somente para efeito de exposição, porque, na realidade, as duas funções formam uma unidade indivisível.

## **A experiência docente**

A primeira preocupação era relacionada com o que deveria ensinar. Felizmente, para esse caso, já existia um programa básico de religião, com o conteúdo que serviu de pauta para escolher os temas e desenvolvê-los. Nesse ponto, foi simplesmente vital a informação de que o conteúdo programático poderia ser desenvolvido de acordo com as necessidades e realidades dos alunos.

Após haver relacionado a maior quantidade possível de idéias, comecei o trabalho de planejamento a fim de integrá-las ao processo ensino-aprendizagem. Anotei cada coisa que lia e que poderia ser útil no desenvolvimento do meu novo trabalho. Sabendo que teria poucas regras, porém claras, anotei-as em uma ficha específica para cada curso.

Pela graça de Deus, foi possível construir um agradável ambiente na sala de au-

la, que foi-se aperfeiçoando à medida que eu crescia em experiência. O único requisito era a presença dos alunos com a Bíblia, com o que estava assegurada a participação de todos, e me permitia tanto avançar no conteúdo regular como realizar jogos bíblicos.

Pela idade dos jovens atendidos inicialmente, entre 14 e 17 anos, as ilustrações foram uma das coisas que ocupou muito do tempo disponível, para tornar as aulas mais atrativas e participativas. Creio que, nesse sentido, foram uma ajuda significativa as experiências vividas com infanto-juvenis, das quais foi possível extrair magníficas lições. Além de tudo, encontrei um livro que continha experiências químicas aplicadas à religião, que representou mais um novo método para gravar as lições na mente dos alunos.

A Bíblia, os escritos de Ellen White, especialmente *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, e outros livros cristãos especializados no assunto constituíram-se uma fonte de inspiração e instrução. Todos eles apontavam na direção de que fosse empregada a maior quantidade de recursos audiovisuais. Entre as variedades, foram realizadas semanas especiais de oração, dentro das próprias salas de aulas, durante o período normal de estudo (quatro horas por semana). O pregador era o capelão e os alunos formavam a igreja, que inclusive ficava responsável pela organização do programa (plataforma, música, etc).

Pelo menos em uma oportunidade, eles mesmos fizeram um programa impresso e providenciaram uma caixa onde eram colocados os pedidos de oração. Com o passar do tempo, alguns deles foram os pregadores de outras semanas, para seus companheiros de curso. Não faltou tempo para a sociabilização. Várias vezes foram rea-

lizados jogos e brincadeiras, em sala de aula ou ao ar livre.

Os programas especiais do Departamento de Jovens, como koinonia e outros, também geraram um bom ambiente de trabalho com os alunos.

### **Pastor e evangelista**

Buscando na Bíblia alguém que houvesse realizado um trabalho semelhante ao de um capelão, encontrei um bom modelo: Abraão. Embora o grupo pelo qual ele queria trabalhar não fosse semelhante a um grupo de alunos, há elementos que me serviram de motivação (Gên. 18:23-32). Descobri que era necessário ter uma comunhão muito íntima com Deus, para viabilizar o tipo de diálogo que o patriarca teve com Ele, ao interceder pela cidade de Sodoma. Insistiu seis vezes no mesmo pedido; eram amigos (Gên. 18:17; Isa. 41:8) e Abraão desfrutava de um bom testemunho diante do Senhor (Gên. 18:19).

Como cada classe tinha aproximadamente 40 alunos, a quantidade pela qual Abraão intercedeu (50) abarcava pouco mais de classe inteira. Sendo amigo de Deus, apelou para o Seu amor (Gên. 18:23 e 24). E o Senhor lhe deu a certeza de que, por amor a eles, os perdoaria. Aqui Ele deixa transparecer Sua justiça e misericórdia (Gên. 18:26). Na segunda intervenção, Abraão se reconhece como pó e cinza (Gên. 18:27), manifestando sua humildade.

Mas a preocupação pelo grupo continua. De 50 possibilidades, baixou para 45, 40, 30, 20 e, finalmente, dez. Por mais três vezes, Deus continuou repetindo que Sua resposta se ajustaria ao amor sentido por eles. Sabemos como terminou a história, porém quero ressaltar que esse modelo de capelão busca encontrar o melhor dentro de suas respectivas classes, e dá o melhor de si para que os alunos não apenas sejam bons estudantes, mas também se tornem excelentes cristãos. E intercede incessantemente por eles.

Por ocasião do início de cada ano letivo, no primeiro encontro, sempre solicitava aos alunos que preenchessem uma ficha com informações que me permitiam conhecê-los melhor. Dessa forma, conseguia saber algo a seu respeito. Depois de cada entrevista ou estudo bíblico, registrava a data e o conteúdo básico para acompanhamento posterior. Durante as tardes, ao realizar o trabalho de visitação nos lares, sempre tinha comigo as fichas, para facilitar a busca do endereço e anotar o

que acontecia durante o encontro. Conseguia visitar praticamente 50% dos lares dos alunos e seus respectivos pais.

Às vezes, durante o recreio, procurava conversar com os alunos, no pátio ou no escritório da capelania. Alguns que eram retirados da classe devido a algum problema, também eram recebidos no escritório. Os estudos bíblicos eram ministrados pessoal e coletivamente. Nesse trabalho também contava com a ajuda de outros colegas que concordavam em dar estudos bíblicos pessoais. Nos estudos coletivos, foi significativa a ajuda do pastor distrital.

Foram batizados tanto alunos como alguns pais. Cada ano, havia pelo menos duas cerimônias batismais. A média de batismos durante os anos de capelania no Colégio Adventista do Chile foi de 20 pessoas. O ano de 1987 foi muito abençoado. Nesse período foram batizados 33 jovens, além de alguns pais, familiares, e professores não-adventistas. Essa proporção de batismos era como ganhar uma classe inteira para Cristo.

Aos pais e familiares também foram oferecidos diferentes programas como seminários, cursos de nutrição, estudos bíblicos, entre outros, o que permitia mais aproximação entre professores e pais. Tanto nos seminários como nos cursos e estudos bíblicos, pude contar com a ajuda valiosa dos outros professores. Esse trabalho de equipe continua dando bons frutos.

Com o apoio de colegas da unidade educativa, foi possível implantar uma igreja juvenil numa cidade vizinha da escola. Alguns jovens cristãos, afastados de suas respectivas denominações foram reunidos nesse lugar, para encontros evangelísticos, e trouxeram seus pais.

O corpo de professores foi atendido especialmente através dos cultos matinais e das conversações formais e informais mantidas, bem como visitação aos lares.

Os jovens de hoje são receptivos a um programa de atenção que envolva suas necessidades, mas que também lhes permita ser parte da solução. Eles querem poder escolher a que atividade ou programa vão se unir, para que participem voluntariamente da missão.

Hoje, vários anos depois de vivida essa experiência, afirmo com satisfação que a capelania pode mudar vidas. Os jovens necessitam e esperam que alguém esteja com eles. Os capelães realizam um ministério divinamente inspirado; e, tal como ocorre na experiência de todos quantos executam o mandado de Deus, nem sempre é possível ver todos os frutos de todas as sementes que foram lançadas. No entanto, a semeadura não pode nem deve parar. Deve ser feita com vigor, oração, perseverança, humildade e consagração. "Lança teu pão sobre as águas; porque depois de muitos dias o acharás." (Ecles. 11:1). □

## **Desafio ao capelão educacional**

- ✓ Não educa quando impões tuas convicções,  
Mas quando suscita convicções pessoais.
- ✓ Não educa quando impões condutas,  
Mas quando propões valores que motivam.
- ✓ Não educa quando impões caminhos,  
Mas quando desperta a coragem de ser livre.
- ✓ Não educa quando impões tuas idéias,  
Mas quando fomenta a capacidade de pensar.
- ✓ Não educa quando impões o terror que isola,  
Mas quando liberta o amor que aproxima  
e comunica.
- ✓ Não educa quando impões tua autoridade,  
Mas quando cultiva a autonomia do outro.
- ✓ Não educa quando impões a uniformidade  
que separa,  
Mas quando respeita a originalidade que diferencia.
- ✓ Não educa quando impões a verdade,  
Mas quando ensina a buscá-la honestamente.
- ✓ Não educa quando impões um castigo,  
Mas quando ajuda a aceitar uma disciplina.
- ✓ Não educa quando impões autoritariamente  
o respeito,  
Mas quando o ganhas com tua autoridade  
de pessoa respeitável.
- ✓ Não educa quando impões o medo que paraliza,  
Mas quando consegues a admiração que estimula.
- ✓ Não educa quando impões informação à memória,  
Mas quando mostras o sentido da vida.
- ✓ Não educa quando impões a Deus,  
Mas quando O fazes presente em tua vida.
- ✓ Não educa quando só falas de Cristo,  
Mas quando levas teus alunos aos pés de Jesus.

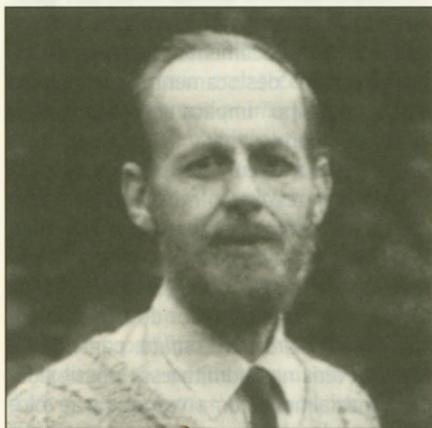
# Reavaliando o Big Bang

---

**MART DE GROOT**


---

*Doutor em Ciências Naturais  
pela Universidade de Utrecht,  
diretor associado de pesquisas  
no Observatório de Armagh,  
Norte da Irlanda*



Divulgação

mou os deslocamentos para o vermelho de "deslocamentos aparentes de velocidade".

Pouco depois, Hubble abandonou em parte suas reservas iniciais e interpretou o deslocamento para o vermelho pelo efeito Doppler; isto é, concluiu que a maior parte das galáxias está se afastando de nós. Daí surgiu a expressão "universo em expansão".

O passo seguinte foi simples. Se hoje o Universo está se expandindo, então, no passado, ele devia ser menor. Retrocedendo bastante no tempo, o Universo deve ter tido um tamanho mínimo a partir do qual se expandiu. Parecia uma conclusão lógica dizer que o Universo teve um começo no tempo. Não devia surpreender que essa idéia fosse bem recebida pelos cristãos, que viram esse momento no passado como o equivalente ao "no princípio" de Gênesis 1:1.

Não se podia responder facilmente à questão de quão longe no passado ocorreu esse começo. Era necessário medir não só a velocidade presente de expansão, mas também suas variações com a distância. A primeira estimativa de Hubble para a idade do Universo foi de dois bilhões de anos.

Isso causou um problema imediato, porque os geólogos já tinham calculado a idade da Terra como de uns quatro bilhões de anos, e era inconcebível que ela pudesse ser mais velha que o próprio Universo. A razão dessa estimativa baixa para a idade do Universo era a distância limitada para a observação das galáxias naquele tempo. Por volta de 1960, a situação tinha melhorado tanto que a idade do Universo então geralmente aceita era de aproximadamente dez bilhões de anos.

## O Big Bang

Embora outras teorias sobre a história inicial do Universo tenham surgido através dos anos, o mundo científico em geral aceitou a teoria do Big Bang depois da des-

coberta de evidência importante em 1965. Em suas fases iniciais, supõe-se que o Big Bang tenha consistido de um gás muito quente e muito denso de partículas elementares no início, e de hidrogênio e hélio mais tarde. Nesse gás, a luz emitida por uma partícula não podia ir longe antes de esbarrar com outra partícula, quando sua direção e frequência seriam alteradas. Assim, se tivesse sido possível ver o Universo primitivo de fora, apenas seriam vistas as camadas exteriores; o Universo não era transparente.

Como resultado da expansão contínua do Universo, sua densidade teria diminuído o bastante para permitir que a radiação emitida por uma partícula pudesse atravessar quase todo o Universo sem encontrar outra partícula. Naquele momento o Universo se tornou transparente. Teria então uns 300 mil anos. Essa é uma idade bastante reduzida; 300 mil anos de um total de aproximadamente 15 bilhões é equivalente a duas horas na vida de uma pessoa de 50 anos. Já na década de 40, Gamov, Alpher e outros tinham previsto essa situação e calcularam que a radiação emitida naquela época poderia atingir-nos hoje sem modificação e, assim, informar-nos sobre a condição do Universo de então.

Em 1965, dois engenheiros trabalhando para a companhia de telefones Bell fizeram uma descoberta inesperada. Acharam um barulho estranho que atingia sua antena de rádio e, depois de analisá-lo, concluíram que vinha de uma fonte de radiação que era uniforme por todo o Céu e tinha uma temperatura de apenas 3 kelvin. Foi logo reconhecido que essa era a radiação emitida no momento em que o Universo se tornou transparente. Essa descoberta deu um apoio muito forte à teoria do Big Bang e convenceu muitos cosmologistas de sua validade.

**A** cosmologia trata da estrutura e origem do Universo. Em sua forma moderna, essa ciência teve início na década de 20, quando os maiores telescópios de então estavam sendo usados para estudar os objetos mais remotos no espaço e para achar respostas a questões sobre a estrutura do Universo. As observações do astrônomo norte-americano Edwin Hubble (1935) demonstraram que quase todas as galáxias indicam um "deslocamento para o vermelho". Isso significa que a cor da luz que recebemos delas é mais vermelha do que quando partiu de sua fonte. Um modo possível de produzir tais mudanças de cor é pelo efeito Doppler, isto é, o movimento das galáxias afastando-se da Terra.

O próprio Hubble não estava muito seguro sobre como interpretar suas observações e, sendo relutante de início para tirar a conclusão de um Universo em expansão, cha-

A radiação de 3 k, ou radiação cósmica em microonda, parecia ter a mesma intensidade em todas as direções. Significava que ela se originava em lugares com a mesma temperatura e densidade. Isso era um problema. Num meio tão uniforme, como podiam ser formadas as estruturas presentes no Universo – estrelas, galáxias, superaglomerados de galáxias? Essa estrutura representa a ausência de homogeneidade que devia existir em uma data primitiva porque, sendo um meio completamente homogêneo, é impossível introduzir nele elementos heterogêneos sem se referir a uma influência exterior.

Visto que essas primeiras conclusões foram todas tiradas com base em observações feitas da Terra, com todas as incertezas introduzidas pela passagem de radiação através da sua atmosfera, planos foram feitos para que um satélite pudesse fazer observações do espaço e obter maior precisão. Assim, o satélite explorador do fundo cósmico foi lançado em 1990. Em 1992, seus resultados tinham sido analisados e pequenas diferenças de temperatura foram descobertas quando olhando em direções diferentes. Essas pequenas flutuações de temperatura e densidade pareciam suficientes para explicar a formação de galáxias e outras estruturas. Como resultado, em suas linhas gerais, a teoria do Big Bang foi aceita pela maioria dos cosmologistas e, com o auxílio da mídia, por muita gente mais. É duvidoso que o modelo do Big Bang tivesse sido recebido com tanto interesse se tivesse sido apenas um modelo para a origem do Universo físico, inanimado.

Tentando explicar a origem da matéria que se encontra em seres vivos, a teoria do Big Bang ficou envolvida com a teoria da evolução biológica naturalista. Assim, durante os três primeiros minutos, quando o Universo era muito quente e denso, crê-se que somente os mais simples elementos químicos – sobretudo hidrogênio e hélio – foram formados. Quando isso foi realizado, a temperatura tinha diminuído tanto que a formação de núcleos de elementos químicos – nucleossíntese – não mais era possível. Portanto a questão sobre a origem dos elementos químicos importantes para a vida, como oxigênio, nitrogênio, carbono, cálcio e muitos outros que também são encontrados na Terra, torna-se uma das mais interessantes na cosmologia moderna.

### Nucleossíntese

Depois dos primeiros 300 mil anos, se-

gundo a teoria do Big Bang, quando o Universo se tornou transparente, forças gravitacionais ainda fizeram sentir sua influência. Sob essa influência, pequenas heterogeneidades começaram a crescer, atraindo a matéria próxima. Finalmente isso levou à formação de grandes nuvens compostas principalmente de hidrogênio e hélio. Essas se contraíam ainda mais e, como resultado, a temperatura em seus núcleos subiu. Quando a temperatura central nesses objetos atingiu 10 milhões k, iniciaram-se processos nucleares. O hidrogênio começou a ser transformado em hélio com a produção de muita energia que se tornou visível como radiação, e estrelas “nasceram”. Assim, elas brilham por causa das reações nucleares no seu centro. Embora as estrelas sejam enormes, a quantidade de combustível nuclear – hidrogênio – que elas contêm não é ilimitada. Depois de consumida grande parte do hidrogênio, o núcleo da estrela entra em colapso, e a temperatura aumenta para cerca de 25 milhões k. A essa temperatura, o hélio que até aqui tinha estado inerte, passa a ser usado como combustível para a etapa seguinte de nucleossíntese, que converte hélio em carbono.

Esse processo se repete várias vezes, cada ciclo levando menos tempo que o precedente, até que elementos químicos, incluindo o ferro, sejam formados. O que acontece a seguir depende agora da massa da estrela. Se uma estrela tem massa suficiente, explode como uma supernova, produzindo muitos elementos mais pesados que o ferro em bem pouco tempo. Na explosão, a quantidade maior da matéria da estrela volta para o espaço, onde pode formar grandes nuvens das quais uma outra geração de estrelas pode ser formada. Por fim, e muito provavelmente em mais de um lugar, formam-se planetas compostos de massa sólida, incluindo mesmo a Terra. Nesse ponto, imagina-se que os processos de evolução naturalística assumam o controle para gerar a vida e desenvolvê-la em seres vivos inteligentes. Quanto ao Big Bang, paramos aqui.

Há muito no modelo do Big Bang com o que os cristãos podem concordar. O universo primitivo era dominado por radiação e luz, lembrando-nos do que ocorreu no primeiro dia da semana da criação. Adão foi formado de material existente na terra, isto é, do pó da terra. O Sol, a Lua e as estrelas foram feitos quando muitas outras coisas já existiam: o quarto dia vem depois do “princípio”. Infelizmente para o Big Bang, há também muitas discrepâncias

com Gênesis I. Os primeiros 300 mil anos, quando o Universo se encheu de luz, realmente não podem ser comparados com o primeiro dia de Gênesis; a vida não é criada, mas surge a partir da matéria inanimada; muito mais do que seis dias são necessários para se completar o processo.

### Problemas

Fora as diferenças entre a cosmologia e o Gênesis, percebo problemas científicos e filosóficos dentro do próprio modelo do Big Bang. Esses problemas podem ser relacionados brevemente, como segue:

*Problemas científicos.* Primeiro, a causa do deslocamento para o vermelho não é necessariamente o afastamento das galáxias. Há outros fenômenos que podem causar esse deslocamento. Entre eles, o assim chamado “deslocamento gravitacional para o vermelho” implica em massas incrivelmente grandes para as galáxias mais distantes; e o “efeito Doppler transversal” exigiria uma revolução muito rápida ao redor de um centro. Lembrando o que Ellen White escreveu sobre “sóis, estrelas e sistemas planetários, todos na sua indicada ordem, a circular em redor do trono da Divindade” (*O Grande Conflito*, págs. 677 e 678), deveríamos admitir essa possibilidade, especialmente uma vez que a revolução em volta de um centro é uma característica geral de objetos cósmicos. Finalmente há também a idéia de que, por interação com a matéria, a luz perderia parte de sua energia durante a longa viagem de uma galáxia distante até a Terra. Em minha opinião, a idéia de “luz cansada” nunca recebeu a atenção que merece.

Segundo, na teoria do Big Bang, as partículas elementares como elétrons, prótons, neutrinos, nêutrons e outras, foram produzidas nos primeiros momentos do Universo. De acordo com a melhor informação, bem apoiada por experiências de laboratório, tais partículas elementares são formadas em pares. Com cada partícula aparece uma antipartícula, feita de antimatéria: prótons com elétrons, antiprótons com prótons, etc. Quando uma partícula encontra sua antipartícula, as duas desaparecem num fulgor de energia. No Universo muito denso, justamente depois que as partículas e antipartículas foram formadas, teria sido inevitável que toda partícula tivesse encontrado sua antipartícula. Como resultado, ele estaria cheio de radiação e destituído de matéria, exceto partículas como os nêutrons, que não têm antipartículas. Todavia, há muita matéria normal no Universo. Ou devia haver alguma

assimetria na produção de partículas elementares, com mais partículas normais do que "antis", ou então cerca da metade do Universo devia consistir de antimatéria, cuidadosamente isolada da matéria normal. Mas não há indicação disso.

**Problemas filosóficos.** Primeiro, embora a condição do Universo durante os primeiros 300 mil anos de sua existência não esteja aberta para observação direta, podemos notar sua condição naquela época, a partir da radiação cósmica em microondas, e, assumindo que a expansão ocorreu também antes daquele tempo, extrapolar em direção a épocas anteriores. Regredindo no tempo deste modo, encontramos um Universo cada vez mais denso e quente, onde temos de aplicar princípios de física cada vez menos compreendidos a fim de esclarecer o que estaria acontecendo. Inevitavelmente, chegamos a um ponto no tempo antes do qual o Universo era tão denso e quente que mesmo nosso conhecimento mais avançado de física teórica não mais pode lidar com essas condições extremas. Chegamos a esse ponto quando estamos a apenas  $10^{-43}$  segundos do ponto zero, o começo do tempo e do espaço.

Alguém poderia pensar que uma fração de segundo tão pequena pudesse ser olvidada e que teríamos condições de anunciar triunfalmente que chegamos ao começo do tempo. Mas o problema é que, num intervalo de  $10^{-43}$  segundos o Universo já devia conter muita matéria e que, como resultado, não chegamos muito mais perto de compreender de onde veio tudo isso. Alguns dizem que essa matéria "primordial" é o resultado de uma fase prévia do Universo, quando ele sofreu um colapso depois de ter-se expandido inicialmente. Assim, pode-se invocar um Universo que atravessa ciclos repetidos de expansão e contração, com nosso Universo simplesmente sendo a versão atual.

Esse "universo oscilante" não responde realmente à pergunta sobre sua origem. Alguns estudiosos, sendo mais honestos, lembram que é possível criar matéria a partir de energia. Mas a questão óbvia permanece, naturalmente: de onde veio essa energia? Em minha opinião, um Deus todo-poderoso é a única resposta real.

Segundo, o desenvolvimento da teoria do Big Bang durante os últimos 70 anos tem sido cheio de pressuposições, as quais, segundo as regras de raciocínio puramente científico, não deviam fazer parte do processo científico. Entre elas, as seguintes devem ser mencionadas: 1) a expansão do Universo é baseada numa filosofia tenden-

ciosa. Em sua interpretação do deslocamento para o vermelho, Hubble adotou a validade de teoria geral da relatividade (não má escolha) e do princípio cosmológico de que o Universo parece o mesmo de qualquer ponto de observação. Embora pareça ser uma hipótese razoável, de fato, a única que pode ser aceita de modo útil, sua validade em qualquer escala conhecida não é, talvez nunca seja, confirmada.

2) A teoria do Big Bang é baseada na pressuposição de que a ciência pode explicar tudo, que pode responder a todas as perguntas. Essa é uma pressuposição incapaz de ser provada, e aqueles que crêm em Deus sabem que não pode ser correta. A ciência não tem boas explicações sobre a origem do amor e do ódio, da alegria e tristeza, verdade, beleza, consciência e muitas outras características humanas. 3) Várias teorias alternativas têm sido rejeitadas, muitas vezes sem uma investigação adequada de suas propostas. Teorias não-científicas, isto é, que contêm elementos de filosofia ou religião, são rejeitadas sem a devida consideração. Assumindo tal atitude, a cosmologia condenou-se a si mesma, porque ela também incorporou certas pressuposições filosóficas. E, pior, fechou os olhos àquilo que bem poderia ser uma parte essencial da realidade e do Universo.

Isso é mais bem visto naquilo que considero o dogma não expresso mas muito bem entendido da cosmologia, segundo o qual o Deus da Bíblia e do Calvário não existe, e qualquer deus no qual criamos é fruto de nossa própria imaginação.

### Conclusão

Com base no que foi dito até aqui, precisamos concluir que a cosmologia moderna, representada pela teoria do Big Bang, pode ter seu mérito ao explicar numerosos aspectos do Universo físico, inanimado, mas é uma teoria pobre quando se trata de explicar tudo, deixando muitas questões sem resposta. Como Roberto Jastrow conclui em seu livro *God and Astronomers*: "Neste momento parece que a ciência nunca poderá levantar a cortina que cobre o mistério da criação. Para o cientista que tem vivido por sua fé no poder da razão, a história termina como um pesadelo. Ele escalou as montanhas da ignorância; está a ponto de conquistar o pico mais alto; ao alcançar finalmente a última rocha, é saudado por um grupo de teólogos que aí se assentavam havia séculos."

É possível, então harmonizar a cosmologia moderna com a Bíblia? Deveríamos tentar fazê-lo? Em caso afirmativo, como

isso pode ser feito? Apesar das últimas considerações críticas, devo dizer que admiro o método e o empreendimento científicos. Aprendemos sobre a Natureza muita coisa que nos pode ajudar a viver vidas mais confortáveis. Além disso, a ciência é um dos métodos de Deus comunicar-Se conosco sobre Ele mesmo e Seus planos para nós. "Os Céus" ainda "proclamam a glória de Deus" (Sal. 19:1).

Mas há pelo menos dois problemas com essa forma de comunicação. O pecado prejudicou a obra de Deus, que Lhe refletiu o caráter apenas obscuramente. E nossa compreensão da Natureza e daquele que deseja revelar-Se através dela é incompleta enquanto houver lacunas em nosso conhecimento das leis naturais que nos deviam ajudar a interpretar a mensagem de Deus corretamente. Ao mesmo tempo, não nos esqueçamos de que não podemos recuar para a torre de marfim da teologia e explicar tudo ao nosso redor a partir da Bíblia somente.

Com efeito, é precisamente por causa de nossa compreensão incompleta, tanto da Natureza como das leis de Deus, que muitas vezes elas parecem contradizer-se. Mas Deus é o autor de ambas, e não pode haver conflito se as coisas são compreendidas corretamente. Precisamos das duas disciplinas a fim de ver sentido no Universo em que vivemos. Albert Einstein disse certa vez: "A religião sem a ciência é cega; e a ciência sem a religião é manca."

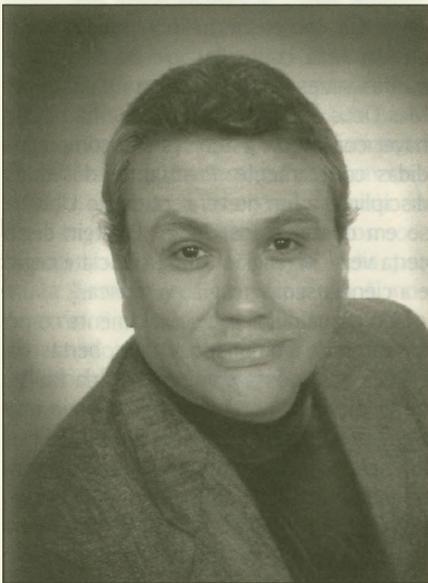
Continua difícil saber exatamente como havemos de combinar as descobertas da ciência com nossa compreensão da Bíblia, no esforço por obter as origens. Creio que Deus criou o Universo. "No princípio" pode bem significar que Ele começou Sua obra da criação há muito tempo. A cosmologia, se bem compreendida, diz-nos como Deus iniciou a obra de preparar um planeta com suficiente pó da composição química correta para formar seres humanos e mantê-los vivos. Então Deus coroou Sua obra de criação. Em seis dias, Ele preparou a Terra para ser habitada e então criou muitos seres viventes, entre eles a humanidade para ocupar um lugar especial.

O resto da Bíblia conta-nos o que aconteceu a seguir, e como, apesar de nossa rebelião, o magnífico plano de Deus será finalmente cumprido naqueles que aceitam a redenção oferecida mediante Jesus Cristo. O cumprimento desse plano inclui a oportunidade de aprender a verdade real sobre o Universo, e eu trocarei minha opinião de bom grado se o Criador me disser que Ele o fez de outro modo. □

# Dedução ou indução?

**ALFONSO VALENZUELA**

*Ph.D., professor de Homilética  
no Seminário Teológico  
da Universidade Andrews,  
nos Estados Unidos*



**F**omos ensinados que todo bom sermão é formado pelas seguintes partes: Introdução (com sua proposição), Corpo (com suas divisões e subdivisões) e a Conclusão. E não é de se estranhar que assim tenhamos aprendido, considerando que nos últimos 1.500 anos esse método didático de pregar foi o mais preeminente entre os estilos de estrutura de sermões. Essa maneira de desenhar os sermões existiu desde que Agostinho, baseado na lógica aristotélica, uniu a retórica clássica secular à arte da pregação no século IV.<sup>1</sup>

Somente depois de 1971, este método tradicional foi seriamente confrontado com outra alternativa, quando Fred Craddock desafiou os pregadores a buscarem variações na estrutura dos sermões. Para isso, chamou a atenção aos modelos de discurso usados por Jesus e pelos primeiros evangelistas, sugerindo uma importantíssima alternativa ao método tradicional<sup>2</sup> e iniciando um sério debate na literatura homilética, o qual tem continuidade até nossos dias. Tal debate está centralizado nos métodos de pregação.

Há dois métodos gerais de se fazer sermões: o método dedutivo e o método indutivo. Isso quer dizer que um sermão movimenta-se do geral ao particular, ou do particular ao geral.

Mas em que consistem, na prática, esses dois métodos? Indução é o padrão de comunicação no qual a idéia central, ou premissa, é declarada no final do processo comunicativo, e cujas evidências são apresentadas primeiro. Ao contrário, a dedução afirma primeiro sua premissa mais importante e, depois, passa a provar, estabelecer e defender o ponto central.

Livros de texto em lógica e filosofia apresentam claramente a importância e as diferenças entre os dois métodos.<sup>3</sup> Eruditos da pregação também concordam em que o método dedutivo é o método de arazoamento mediante o qual aplicações concretas ou conseqüências são deduzidas de princípios gerais. O método indutivo é o arazoamento inferido de uma parte ao todo, do particular ao geral, do individual ao universal. A dedução vai do geral ao específico (universal ao particular); a indução vai do específico ao geral (particular ao universal).

Segundo Craddock, "há basicamente duas direções nas quais se move o pensa-

mento: dedutiva e indutiva. Em poucas palavras, o movimento dedutivo vai da verdade geral à aplicação particular ou experiência, enquanto a indução é o contrário".<sup>4</sup>

## Principais diferenças

Para Robinson, o critério para saber se o sermão é dedutivo ou indutivo está na posição da idéia central do sermão. Em um sermão dedutivo, a idéia aparece na introdução e o corpo a explica, prova e aplica. No indutivo, apenas é introduzido o primeiro ponto do sermão e, com fortes transições, cada ponto se une ao outro até que a idéia central emerge na conclusão.<sup>5</sup>

Lewis expande um pouco mais as diferenças entre os dois métodos, com as seguintes palavras: "A pregação dedutiva começa com uma declaração de intenção e então se propõe a provar a validade de que o que o pregador disse está predeterminado ser a verdade. A pregação indutiva, por outro lado, apresenta a evidência, os exemplos, as ilustrações, e posterga as declarações, afirmações e asserções, até que os ouvintes possam pesar as evidências, pensando nas implicações, chegando então à conclusão, junto com o pregador, no final do sermão."<sup>6</sup>

Baseando-se no trabalho de Lewis, Bryson apresentou as seguintes diferenças:

"Os sermões começam com assuntos específicos tais como fatos, estatísticas, ilustrações, experiências e exemplos. Os sermões dedutivos começam com propostas, asserções, conclusões e princípios. Os sermões indutivos vão mais além do específico com o qual começam. O desenho dedutivo define, disseca, defende ou delimita a premissa principal. Os exemplos indutivos precedem e levam às conclusões, e os exemplos dedutivos seguem e apóiam as conclusões já apresentadas. No formato indutivo, a proposta, as asserções, ou as

declarações saem do material concreto ou ilustrações. Explicando em forma mais simples, o pregador dedutivo começa com uma verdade e então procura desenvolvê-la. O pregador indutivo utiliza particulares para ajudar seus ouvintes a chegarem a uma conclusão.<sup>7</sup>

Em geral, os autores que favorecem a pregação indutiva colocam a Jesus como o exemplo maior de pregador a utilizar esse método, junto com os demais escritores e pregadores bíblicos. "Jesus, os profetas e os apóstolos pregaram com acento indutivo."<sup>8</sup>

"A pregação de Jesus foi quase sempre indutiva. Procurava envolver a Seus ouvintes no processo de arrazoamento em lugar de pedir-lhes que aceitassem alguma verdade preestabelecida... raramente Jesus utilizou uma metodologia dedutiva."<sup>9</sup>

Se o método favorito de Cristo foi o indutivo, vale a pena então olhar de perto esse método.

### Estrutura do sermão

Uma das grandes diferenças entre os métodos de pregação tem a ver com a estrutura do sermão. No método dedutivo, a estrutura é algo muito importante e deve ser cuidadosamente planejada. Há um plano de ação claramente definido, permitindo destacar-se a estrutura. A discussão segue um plano com passos claramente visíveis.<sup>10</sup> Há uma tese que se subdivide em subteses, explica-se cada ponto e faz-se aplicação à situação particular dos ouvintes.

No debate sobre a estrutura da pregação, os que favorecem o método dedutivo acusam os não-estruturalistas de haverem desenvolvido o que chamam de "ensaios orais", queixando-se de que tais ensaios chegam a ser piscinas de protoplasmas literários correndo simultaneamente em todas as direções.

O método indutivo, por outro lado, olha a estrutura do sermão de forma bem diferente. Ela deve estar subordinada ao movimento. Essa subordinação significa que na maioria das vezes a estrutura não é visível à congregação. A estrutura que os sermões indutivos requerem é antes uma estrutura de processo (do particular ao geral) que uma estrutura de forma, segundo o Pastor Dwight Nelson, da igreja da Universidade Andrews, nos Estados Unidos.<sup>11</sup>

Há uma regra básica para o arranjo dos sermões indutivos: começar com situações específicas que servem como evidências,

para chegar a uma conclusão. Isso está em contraste com o método dedutivo, que começa com pontos, os quais são seguidos por evidências e exemplos.

A própria natureza dos sermões indutivos torna quase impossível apresentar um padrão de esboço.

Os dois métodos de pregação utilizam o mesmo conteúdo: perguntas, parábolas, narrações, analogias, diálogo, experiências, etc. A grande diferença está no movimento do sermão – do geral ao particular ou do particular ao geral, como já foi dito.

O método dedutivo vale-se de parábolas, analogias, diálogos, etc., para provar ou ilustrar os pontos que demonstrem a tese principal, enquanto o método indutivo utiliza tais recursos para levar à conclusão ou idéia geral. No método indutivo, por exemplo, as experiências não são consideradas como material que ilustra algo, mas como a própria substância do sermão, seu próprio conteúdo.

## Mais importante do que qualquer método de pregação é a inclusão de Cristo na mensagem.

### Narrativas

Um sinal característico dos sermões indutivos é o uso de narrações, especialmente tiradas das Escrituras. Para Lewis, o uso da narração é o elemento mais indutivo que pode haver para apresentar sermões indutivos.

Esse instrumento foi utilizado pelos hebreus, que contavam a história da salvação predominantemente expressa em narrações. Foi também utilizado pelos profetas, que contavam história para conquistar a atenção dos ouvintes. Jesus pregou e ensinou freqüentemente com histórias conhecidas como parábolas. Os apóstolos pregaram narrando a história de Jesus Cristo. "A narração leva o peso do relato bíblico desde o Jardim do Éden até a Nova Jerusalém.

A estrutura é a de uma história, desde o princípio até o fim. O Velho Testamento é uma história que leva às histórias do evangelho no Novo Testamento."<sup>12</sup>

Existem três diretrizes para se pregar um sermão narrativo:

1. Estar completamente familiarizado com o contexto histórico do texto sobre o qual se planeja pregar. Para isso, o uso de mapas, enciclopédias e comentários pode representar grande ajuda.

2. Ter uma visão mental dos eventos apresentados pelo texto e apresentá-la aos ouvintes de maneira objetiva. Não acrescentar elementos estranhos à história, nem qualquer outra coisa que possa desviar a atenção.

3. Ligar a história com alguma doutrina bíblica.

### O mais importante

Deve-se pregar indutiva ou dedutivamente? Qual dos dois métodos produz melhores resultados? O Pastor Nelson, em seu projeto doutoral demonstrou que, para a sua congregação, não fez nenhuma diferença quando pregou utilizando o método dedutivo ou o indutivo. Ele concluiu que a utilização dos dois métodos é benéfica. Aliás, a mesma conclusão a que chegaram diversos autores.

Vale ressaltar, entretanto, que mais importante do que qualquer método é a inclusão de Jesus Cristo em cada mensagem, mesmo que pareça fora de contexto. É Ele quem dará vida a cada sermão, e por meio do Seu Espírito fará com que as palavras frutifiquem para a vida eterna. □

### Referências

- 1 Yngve Briiloeth, *A Brief History of Preaching*, Philadelphia: Fortress Press, 1965; pág. 51.
- 2 Fred B. Craddock, *As One Without Authority*, Nashville, TN: Abingdon Press, 1971; pág. 45.
- 3 Francisco Romero e Eugênio Pucciarely, *Lógica*, Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1947; John Grier Hibben, *Logic, Deductive and Inductive*, Nova York: Charles Scribner's Sons, 1908; William H. Há, versão *A Concise Introduction of Philosophy*, Nova Iorque: Random House, 1967.
- 4 Fred B. Craddock, *Op. Cit.*, pág. 54.
- 5 Haddon W. Robinson, *Biblical Preaching: The Development and Delivery of Expository Preaching*, Grand Rapids: Baker Book House, 1980; pág. 125.
- 6 Ralph L. Lewis e Gregg Lewis, *Inductive Preaching*, pág. 43.
- 7 Harold T. Bryson, *Expository Preaching*, Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 1995; pág. 360.
- 8 Wayne McDill, *The 12 Essential Skills for Great Preaching*, pág. 19.
- 9 Raymond Bailey, *Jesus the Preacher*, Nashville: Broadman Press, 1990; págs. 14, 115.
- 10 Andrew Blackwood, *Doctrinal Preaching*, Nashville: Abingdon Press, 1956; pág. 161.
- 11 Dwight Nelson, *A Comparison of Receptivity to the Deductive and Inductive Methods of Preaching in the Pioneer Memorial Church*, pág. 31.
- 12 Ralph Lewis e Gregg Lewis, *Op. Cit.*, pág. 60.

# Faça sua igreja crescer

**DICK DUERKSEN**

*Vice-presidente da União Columbia, para ministérios criativos*



**M**eu pai costumava dizer que "tédio não é alguma coisa que outra pessoa nos causa, mas algo que causamos a nós mesmos". E eu acreditei nisso. Então comecei visitar pequenas congregações adventistas na América do Norte. Oitenta membros nos livros, três dúzias nos bancos. Transbordando tédio.

Bem, talvez eu esteja exagerando. Mas só um pouco. Durante aquelas visitas, procurei ouvir alguns membros. Em quase todos os casos, eles estavam orgulhosos da sua igreja, mas frustrados sobre como instigar vitalidade e relevância em sua pequena congregação. Possuíam novos hinários, mantinham um sistema de satélite, as paredes do templo estavam pintadas, e anunciavam os sermões da semana nos jornais. Mas ainda encontravam dificuldades para incitar um pouco mais de entusiasmo no ambiente.

De repente, notei ainda que algumas dessas congregações foram se adaptando a um novo modelo, e chegaram a ser fraternas, amistosas, sorridentes e devotas. O que terá feito a diferença? Certamente, não foram os sermões, anúncios ou os hinos, mas a atitude dos membros. Em vez de focalizar na di-

mensão da comunidade, eles focalizaram na grandeza do seu Deus. Em lugar de visualizar as próprias limitações, eles alimentaram sonhos durante as reuniões de oração. Escolha Sabatina e serviço de culto. Dedicaram suas forças ao auxílio de outros. Os 20, 30 ou 40 membros transformaram sua igreja num lugar de esperança.

Você pode fazer o mesmo. Na tentativa de ajudá-lo, enumeramos a seguir algumas sugestões práticas para fazer com que sua igreja cresça espiritualmente. Leia-as, avalie-as à luz das realidades locais e escolha algumas para colocar em prática. Lembre-se, antes de mais nada, de que, se você deseja conduzir sua igreja a um crescimento espiritual, deve permitir que Deus opere essa experiência primeiro em sua vida. Se você não estiver pessoalmente envolvido num programa regular de estudo e oração, qualquer tentativa de produzir alguma coisa em sua igreja será inútil.

## 1. Pequenos grupos

Estabeleça um pequeno grupo de estudo da Bíblia. Comece com dois amigos e o livro de Mateus. Como material auxiliar, tenha uma concordância e alguns comentários. Convide o Espírito Santo para iluminar sua mente com questões sábias e pensamentos profundos. Leia 10 a 15 versos e relacione as questões que o texto suscita. Exemplo: Por que esta passagem está incluída aqui? Como pode ela ajudar-me a compreender o caráter de Deus hoje? O discurso será invariavelmente menor do que você tinha planejado, e as orações serão objetivas, focalizando sobre assuntos práticos de crescimento espiritual. Você verá também que o debate desse pequeno grupo infundirá nova energia à igreja.

Na sexta-feira à noite, promova um encontro em sua casa. Sem formalidades e

extravagâncias. Somente amizade, música e estudo ao redor de uma bacia de pipoca. Não se esqueça de promover, uma vez por mês, um ajunta-panels, incentivando os participantes a testarem novas receitas, leves e nutritivas.

## 2. Atividades gerais

Esta parte é para crianças e adolescentes. Incentive-os a oferecer-se para fazer compras, ler jornais, cortar a grama, lavar o carro, ou fazer outra coisa que torne prazerosa a vida dos membros mais velhos da igreja. Primeiramente, eles ficarão surpresos e até desconfiados da idéia, mas vão captá-la e logo estarão convidando a garotada para tomar um suco ou chocolate, e conversar.

## 3. Padrinhos da igreja

Envolva também os pais da congregação. É possível que haja na igreja uma mãe solteira ou um jovem casal com um bebê recém-nascido. Eles necessitam de alguma ajuda. Incentive alguém a tomar conta do bebê enquanto a mãe vai ao supermercado, planeje você mesmo dedicar uma noite aos jovens, cada duas semanas. Esse é um presente que você dá ao futuro de sua igreja. Embora as crianças já tenham seus respectivos pais, estabeleça um programa como "padrinhos da igreja", no qual um adulto fica responsável por alguma criança, juvenil ou jovem. Isso fortalece a família eclesial. Os padrinhos atuam como conselheiros e amigos, podendo orar com os "afilhados" ou convidá-los para alguma atividade recreativa e social.

## 4. Serviço comunitário

Há uma série de coisas que você pode fazer voluntariamente por sua comunidade. Apresente-se para colaborar com instituições de caridade, ofereça serviços gratuitos na áreas educacional, sanitária e social. Faça sua igreja marcar presença na sociedade. Participe de campanhas contra a fome, em favor de sem-teto, carentes, ou para minorar os efeitos de alguma tragédia natural. Nesse trabalho, esteja sempre acompanhado de alguns membros da igreja. Quando você emprega seus talentos em benefício de outros, todos são enriquecidos. O espírito voluntário dá ao pastor um reservatório abundante de experiências para partilhar com sua igreja, experiências que logo se tornam parte da nova vida da comunidade.

Embora pareça lugar-comum estou cer-

to de que depois desse tipo de envolvimento, nem você nem sua igreja serão os mesmos.

### 5. Culto diferente

Alguns pregadores costumam reservar um espaço no início do sermão, sábado pela manhã, dedicado a uma história para as crianças e juvenis. Que tal planejar algumas vezes algo como o momento da história para os pais? Isso não precisa ser feito pelo pastor sozinho. Isto é, pode ser feito por ele juntamente com o máximo de crianças que for possível. O desafio é apresentar uma história que esteja afinada com o sermão e ter as crianças participando de uma maneira tão criativa que chamem a atenção dos adultos. Nesse processo você pode ajudar as crianças a se envolverem na programação da igreja, especialmente no culto sabático, em uma nova dimensão, assim como ajudar alguns dos membros mais experientes a ouvir o tema do sermão de uma forma inesquecível.

Por exemplo, quando o sermão for sobre o amor para com os vizinhos, as crianças poderiam ler "anúncios classificados" a exemplo dos que circulam nos jornais da comunidade. Esses anúncios, que podem

ser escritos pelo pastor e pelas crianças, devem conter um convite para envolvimento cristão comunitário. Um deles poderia dizer: "Senhora idosa necessita de adolescentes para fazer compras para ela, sexta-feira à tarde." Ou: "Sou uma mãe com quatro crianças pequenas, e necessito de alguém que me ajude a levá-las ao parque, quinta-feira pela manhã."

Essa é uma oportunidade para envolver as crianças da igreja num ministério ativo, dando-lhes ao mesmo tempo uma parte no culto divino.

### 6. Leitura bíblica, oração e hinos

Ainda no serviço de culto, você pode ter outras participações criativas. Use versões diferentes (quem sabe, três) para ler as Escrituras. Inclua alguns segundos de oração silenciosa. Pratique a oração conversacional com ajuda de três ou quatro membros, representantes dos diversos segmentos da igreja. Peça a alguns irmãos que escolham seus hinos favoritos, para serem cantados com a congregação. Fale sobre esse diálogo ao anunciar os referidos hinos.

A idéia é fazer com que cada um se sinta participante do culto, quebrando tabus e preconceitos, lugares-comuns, sem que-

brar a conexão mútua, muito menos a ligação com Deus. Pequenas mudanças servirão para fazer com que o povo viva alegremente a ventura de ser membro da igreja.

### 7. Entrevista e participação jovem

Planeje entrevistas com os membros. Tome cinco minutos do programa sabático, talvez no intervalo entre a Escola Sabatina e o Culto Divino, para promover o conhecimento mútuo. Escolha um membro e pergunte-lhe sobre suas orações respondidas, seu verso bíblico predileto, lembranças da sua infância, seus pais, realizações de Deus em seu favor, questões que ele gostaria de levar a Deus, expectativas quanto à eternidade, etc. Certamente haverá risos e lágrimas, além de satisfatório envolvimento.

Dê aos jovens a responsabilidade de liderar o serviço de culto alguns sábados, ou mesmo durante um mês inteiro. Esteja com eles durante o processo de planejamento, para orientá-los bem. Seguramente isso tomará algumas noites ao redor da mesa do jantar, mas é compensador. Lembre aos jovens que o louvor é uma dádiva que tributamos a Deus. Então, ajude-os a criar o melhor programa que eles podem imaginar. □

**1º Lançamento da  
Casa em CD-Rom**

**Estude o Espírito de Profecia  
no Seu Computador!**

Texto integral dos livros:  
**Patriarcas e Profetas, Profetas e  
Reis, O Desejado de Todas as  
Nações, Atos dos Apóstolos,  
O Grande Conflito.**

- ✓ Tudo em português
- ✓ Compatível com Windows 95 ou 98
- ✓ Facilidade no uso
- ✓ Recursos avançados de pesquisa
- ✓ Permite anotações marginais, sublinhar textos, colocar marca-páginas, etc.
- ✓ Referências bíblicas destacadas (pesquisáveis para sermões, etc.)
- ✓ Exporta textos diretamente para seu processador

**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**  
Mídia Digital - Mais Um Meio de  
Comunicação Para a Mensagem



**SÉRIE  
CONFLITO**

TEXTO INTEGRAL DOS LIVROS DE ELLEN G. WHITE:

**PATRIARCAS E PROFETAS  
PROFETAS E REIS  
O DESEJADO DE TODAS  
AS NAÇÕES  
ATOS DOS APÓSTOLOS  
O GRANDE CONFLITO**

FOLIO



**LIGUE GRÁTIS  
0800-552616  
Para Fazer Seu Pedido**

# A salvação como objetivo

## WOODROW W. WHIDDEN

Professor no Departamento de Religião da Universidade Andrews, Estados Unidos



Divulgação

**N**a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a reunião da Associação Geral em Minneapolis, em 1888, tem se tornado sinônimo da primazia dada à justificação pela fé. No ensino doutrinário da Igreja, esse evento assinala um reavivamento do genuíno interesse pela questão da justificação pela fé. Os pivôs desse importante reavivamento foram Ellen G. White e os dois jovens editores adventistas que trabalhavam na Califórnia: E. J. Waggoner (1855-1916) e A. T. Jones (1850-1923).

Em oposição a eles estava a "velha guarda" da Igreja, estabelecida em Battle Creek, Michigan: Uriah Smith (1832-1903), editor da revista oficial da Igreja, a

*Advent Review and Sabbath Herald*, e George I. Butler (1834-1918), presidente da Associação Geral. Embora nenhum voto tenha sido tomado em Minneapolis, a oposição a Waggoner e Jones se tornou tão intensa que Ellen G. White se juntou a eles para realizar uma intensa campanha de reavivamento por toda a América do Norte. Durante os três anos seguintes, eles viajaram quase todo o tempo, enfatizando a primazia da justificação pela fé como o fundamento para qualquer experiência de cristianismo vibrante.

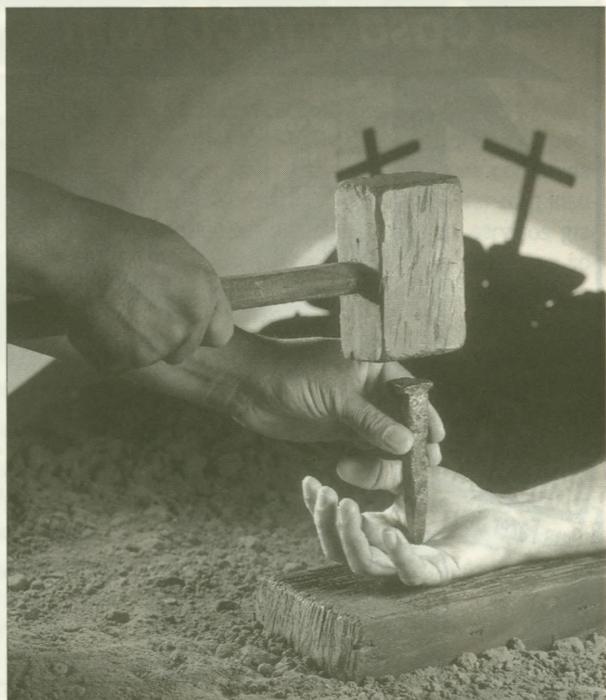
Um bom indicador dessa ênfase é que cerca de 40% de tudo o que Ellen G. White disse sobre justificação pela fé e a imputação da justiça de Cristo foi dito ou escrito nos quatro anos seguintes a Minneapolis. O mais surpreendente não é a quantidade de material que fluiu de seus lábios ou de sua pena, mas a qualidade e clareza desses textos.<sup>1</sup> Esse período se destaca pela ênfase da Sra. White nas expressões de Paulo e de Lutero sobre a justificação pela fé.

### Cristologia e trinitarianismo

Antes desse tempo, o arianismo predominava nos escritos dos adventistas do sétimo dia. Curiosamente o arianismo (derivado deÁRIO, morto em 336, que negava a divindade de Cristo e ensinava que Cristo fora um ser criado), exercia especial influência sobre movimentos religiosos que exaltavam a obediência pessoal, ao mesmo tempo que negligenciavam a importância da justificação

pela fé como parte da experiência cristã de salvação. Por ocasião dos reavivamentos de Minneapolis, Jones era abertamente trinitariano, enfatizando a total divindade de Jesus. Entretanto, Waggoner, assim como muitos adventistas de seus dias, movera-se de uma posição predominantemente ariana para uma espécie de semi-arianismo.<sup>2</sup> Pelo final dessa década de 1880, Ellen G. White apresentava-se inequivocamente como trinitariana ao expressar suas convicções sobre a divindade de Cristo. Isso é notável, por causa do arianismo e semi-arianismo que eram francamente dominantes entre os adventistas desse tempo, e também pelo fato de que inclusive seu marido, Tiago White, tenha sustentado tal ponto de vista até quase o final da vida.

Além disso, Uriah Smith, o principal opositor às iniciativas soteriológicas de Waggoner, Jones e Ellen G. White, era cla-



ramente ariano. Ele, depois, passou para um semi-arianismo e manteve essa posição até a morte. Uriah Smith jamais aceitou completamente a doutrina da objetiva justificação somente pela fé. Portanto, o principal oponente da solução soteriológica dentro do adventismo era semi-ariano e jamais apresentou evidências de ter sido completamente convencido a respeito da nova soteriologia.

### Sinais de abandono

O que causou, então, esse abandono simultâneo, tanto do legalismo quanto do arianismo? Qual foi, se de fato existiu, a causa dessa renúncia aos impulsos trinitarianos e também à tendência de a igreja apresentar uma soteriologia legalista? Não é fácil dar respostas claras e diretas, mas os seguintes fatores devem ter causado essa alteração nos primórdios do adventismo:

1. *As óbvias necessidades espirituais dos membros.* Nesse ponto, tanto Tiago quanto Ellen G. White, depois apoiados por Jones e Waggoner, tomaram a dianteira. Não temos qualquer evidência de uma repentina descoberta de que o arianismo estava destruindo o povo adventista do sétimo dia através de atitudes legalistas que resultariam na desintegração espiritual das igrejas. Em vez disso, o que parece ter acontecido é que eles perceberam o enorme perigo contido nas tendências legalistas do novo movimento e passaram a estudar as causas dessa situação, para finalmente concluírem pela necessidade de uma teologia mais trinitariana.

Esse fenômeno básico é especialmente evidente em Ellen G. White. Não parece haver instâncias nas quais ela tenha conscientemente partido para refletir sobre as implicações soteriológicas da divindade de Cristo ou da personalidade do Espírito Santo. Ela pôde, entretanto, extrair isso tanto da Bíblia quanto de suas raízes metodistas, que forneceram claramente as linhas básicas de seu ministério, no início. Isso é mais notório ainda em sua tentativa de manter um equilíbrio entre justificação pela fé e a santidade do coração e da vida. O mesmo pode ser dito do poder de conscientização de seu passado metodista-wesleyano.

2. *O culto na igreja, especialmente seus hinos.* À medida que o "movimento do advento" começou a se transformar numa denominação, teve de desenvolver os detalhes de sua ordem eclesiástica, tais co-

mo: organização formal, declaração de crenças fundamentais, credenciais ministeriais e um hinário. Embora o arianismo fosse tão generalizado, quando os primeiros adventistas tiveram de estabelecer um plano de adoração, incluíram hinos trinitarianos nos primitivos hinários. O primeiro hinário, de 1849, compilado por Tiago White, contém a doxologia e expressões de louvor "a Deus, o Pai, ao Filho e ao Espírito Santo".

3. *Abertura.* Quando o adventismo inicial emergiu de sua fase da "porta fechada", o movimento passou a demonstrar abertura em relação aos demais cristãos. Essa audiência era, de início, definida como os freqüentadores de igrejas nos Estados Unidos. Essa fase, que começou com a década de 1850, resultou no ingresso de

Como intercessor,  
Cristo não apenas  
ministra ao fiel,  
mas perdoa os  
pecados do  
passado.

muitos trinitarianos, oriundos de outros segmentos evangélicos. Tais conversos foram atraídos pelos ensinamentos proféticos e outras doutrinas fortemente bíblicas e práticas adventistas; mas essas pessoas não foram preparadas para renunciar a suas crenças trinitarianas.

Apesar de o arianismo jamais ter sido aberta ou oficialmente adotado pela igreja, alguns sinais de sua influência podem ser detectados em atitudes como a posição extremamente contrária à adoção de um credo. Por causa da recente experiência de tantos maus-tratos a que foram submetidos os mileritas, por parte das igrejas que classificavam como "Babilônia", muitos dos primeiros adventistas adotaram a estratégia resumida na expressão "viva e deixe viver" em relação a várias doutrinas. Em outras palavras, havia uma forte resistência a qualquer tipo de credo. Dessa maneira, qualquer novo converso podia ser

adventista do sétimo dia e trinitariano. Possivelmente esse crescente número de trinitarianos fez com que sua presença ou influência pudesse ser sentida.

4. *O ministério intercessório de Jesus.* Outro fator foi a continuada ênfase, por parte de Ellen G. White, sobre o contínuo ministério intercessor de Cristo em favor do crente. Essa ênfase foi acompanhada por cuidadosas reflexões sobre o significado substitutivo da morte de Cristo e suas implicações sobre a justificação somente pela fé. Quanto mais ela refletia sobre a morte de Jesus como uma expiação sacrificial e Seu conseqüente ofício como Sumo Sacerdote, mais a Sra. White sentia a necessidade do sacrifício e intercessão por parte de um Ser completamente divino. O ministério de um quase-deus ou de um semideus não seria suficiente!

Essa apreciação da plena divindade de Cristo nos primórdios do adventismo parece uma repetição do desenvolvimento cristológico que ocorreu na igreja cristã primitiva. Não foi por mera casualidade histórica que Atanásio se opôs a Ario. "Em seus tratados anti-arianos" escreveu J. N. D. Kelley, "Atanásio desenvolveu um triplo ataque à fé viva e experiência da igreja. Primeiro, ele argüiu que o arianismo minava a doutrina de Deus ao pressupor que a divina Tríade não é eterna, o que acabava por virtualmente reintroduzir o politeísmo. Em segundo lugar, tornava-se sem sentido o costume litúrgico de batizar em nome do Filho e do Pai, e também dirigir orações ao Filho. Como terceiro ponto, e talvez o mais importante, detonava a idéia cristã da redenção em Cristo, pois unicamente se o Mediador fosse divino poderia a humanidade ter esperança de um reestabelecimento de relações com Deus." <sup>3</sup> A mesma compreensão começou a influenciar, desde cedo, os adventistas.

### Dinâmicas

Ao mesmo tempo que é difícil ser dogmático acerca das relações de causa e efeito no redirecionamento adventista, saindo do arianismo e anti-trinitarianismo e suas resultantes ênfases soteriológicas; há, por outro lado, numerosos fatores que apontam nessa direção.

Primeiro, nada indica que houve uma consciente reflexão teológica, algo sistemática, mas que esse desenvolvimento foi meio natural e definidamente "providencial". O casal White assumiu a liderança e chegou a posições teológicas observando

a pobre experiência espiritual dos membros. Notando que o legalismo estava obscurecendo a primazia de Cristo como o Sacrifício expiatório e salvador, eles passaram a redirecionar o movimento no sentido de uma ênfase maior na centralidade de Cristo e Seu sacrifício. Em outros termos, havia uma preocupação teológica e ao mesmo tempo prática, derivada de uma constatação da adoção de certa teologia desequilibrada, e isso os impeliu à mais crítica reflexão sobre a divindade de Cristo.

Essa tendência se tornou especialmente evidente no pensamento de Ellen G. White, que dedicou atenção mais continuada ao tema da justificação somente pela fé e à atividade de Cristo como Sumo Sacerdote. Como um Intercessor sacerdotal não apenas ministra ao fiel, mas também perdoa os pecados do passado, ministrando de momento a momento diante do Deus justo e santo. Tais ações de justificação só podem ser realizadas por Alguém plenamente divino. Nesse ponto, a Sra. White se alinhou definitivamente com a clássica oposição de Atanásio a Ário: Não somente a teologia era similar, mas também o método de chegar à conclusão. Tanto um como outro tiveram de enfrentar o impacto prático da heresia sobre a adoração e ainda sobre a experiência pessoal de salvação.

Finalmente, os atos de culto, especialmente a hinódia mencionada anteriormente, transcorriam de forma a guiar teologicamente os adoradores.

Olhando por essa perspectiva, depois de mais de cem anos, esse período se salienta muito mais pela descoberta da teologia através das idas e vindas de um movimento evangelístico que se apoiava tanto na base soteriológica quanto na perspectiva trinitariana, mantidas dentro do mais clássico e evangélico equilíbrio. Com esse conjunto de reavivamento, abertura, estudo bíblico persistente e continuado, e adoração, é que o movimento foi em direção a uma ortodoxia nicena, chegando a uma integração teológica dessas grandes vertentes da fé. Quaisquer que tenham sido as causas últimas, tal reavivamento, capitaneado pelo casal White, Waggoner e Jones, depois da Assembléia de Minneapolis em 1888, mudou a face do adventismo, com uma mudança cujo impacto pode ser percebido ainda hoje.

### **Cristo e a salvação**

Depois de ter discorrido brevemente sobre algumas das implicações para a expe-

riência da salvação que decorrem de uma recuperação trinitariana contra as influências arianas, eu gostaria de encerrar este artigo com reflexões sobre quão fortemente a plena divindade de Cristo pode contribuir para a compreensão e experiência da salvação.

Primeiro, não foi por acidente que Ellen G. White, como a principal influência teológica sobre o assunto da plena divindade de Cristo, parece ter colocado a ênfase nesse tema à medida que refletia diretamente sobre Cristo como o verdadeiro, perfeito e constantemente disponível Intercessor. Da mesma forma que Atanásio argumentou contra Ário, Ellen G. White demonstrou que um Jesus ariano seria um intercessor fraco e ineficiente.

Segundo, não há a menor falta de poder nAquele que é absolutamente divino.

## Somente o Cristo genuinamente divino tem o poder de fazer-nos mais do que vencedores.

Ao contrário, tal deficiência só é possível num Cristo com divindade derivada, nunca no Cristo completamente divino da Trindade, o Salvador e Senhor, capaz de justificar e transformar. Quando vamos a Cristo, em função de qualquer necessidade, somente o Cristo genuinamente divino tem o poder para nos fazer mais do que vencedores. Se, entretanto, percebemos alguma deficiência nEle, somos tentados a pensar que Ele precisa de alguma ajuda nossa, por meio de boas obras!

Terceiro, somente Aquele que é absolutamente divino em natureza poderia realizar uma completa expiação para satisfazer os reclamos da lei transgredida. Somente o Criador, que deu a lei, poderia oferecer um sacrifício de valor suficiente para satisfazer a justiça da divindade.<sup>4</sup>

Quarto, somente Aquele que tem vida original, não derivada, poderia repartir a vida para a alma crente e confiante. Quem

tivesse vida por empréstimo, no máximo, só conseguiria transmitir uma "meia-vida".

Finalmente, proponho que o tema do amor divino apresenta uma poderosa evidência da necessidade da plena divindade de Cristo. "Na obra da criação, Cristo estava com Deus. Era um com Deus, igual a Ele... o Criador do homem, podia ser seu Salvador. Nenhum anjo celeste podia revelar o Pai ao pecador, reconquistando-o à aliança com Deus. Cristo, porém, podia manifestar o amor do Pai."<sup>5</sup> O amor só podia ser eficazmente manifesto através dAquele que era, por natureza divina, infinito em amor. Unicamente o amor divino seria capaz de criativamente despertar uma resposta amorável, em oposição a uma resposta através de obras, característica de um amor menor. Quando o infinito amor de Deus é livremente concedido a nós através de Cristo. Fica evidente que só há uma resposta possível: rendição e aceitação. Não há lugar para qualquer espécie de barganha, querendo contribuir com dois centavos ou com tudo o que temos. □

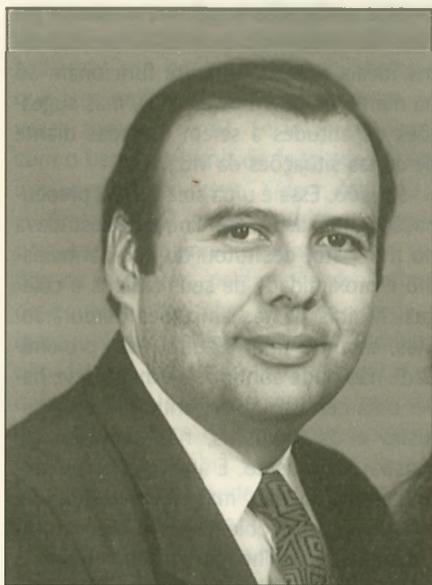
### **Referências:**

1. Essas surpreendentes (pelo menos aos ouvidos adventistas daquele período) e claras expressões a respeito da justificação objetiva podem ser encontradas facilmente nos livros *Fé e Obras* e em *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, págs. 300-400. Provavelmente a mais característica expressão desse período de compreensão paulina e luterana da justificação somente pela fé esteja no *Manuscrito 36*, de 1890, aqui citado de *Fé e Obras*, pág. 17: "Torne-se distinto e claro o assunto de que não é possível efetuar coisa alguma em nossa posição diante de Deus ou no dom de Deus para nós, por meio do mérito de seres criados. Se a fé e as obras adquirissem o dom da salvação para alguém, o Criador estaria em obrigação para com a criatura. Eis aqui uma oportunidade para a falsidade ser aceita como verdade. Se alguém pode merecer a salvação por alguma coisa que ele faça, encontra-se, então, na mesma posição que os católicos para fazer penitência por seus pecados. A salvação, nesse caso, consiste em parte numa dívida, que pode ser ganha como salário. Se o homem não pode, por qualquer de suas obras, merecer a salvação, então ela tem de ser inteiramente pela graça, recebida pelo homem como pecador, porque ele aceita a Jesus e crê nEle. Ela é inteiramente um dom gratuito. A justificação pela fé está fora de controvérsia."
2. Waggoner chegou até o limite da cristologia trinitariana. Não há, entretanto, qualquer evidência de que ele tenha abandonado completamente sua posição semi-ariana. Mas ele ficou extremamente perto desse abandono total.
3. J. N. D. Kelly, *Early Christian Doctrines* (Nova Iorque: Harper Collins, 1978), pág. 233.
4. Ellen G. White, *The Spirit of Prophecy* (Washington, D. C.: Review and Herald, 1877), vol. 2, págs. 9 e 10.
5. Ellen G. White, *Para Conhecê-Lo (Meditações Matinais, 1962)*, pág. 18.

# Primeiros passos

**JUAN MILLANAO O.**

*D. Min., professor do Seminário Latino-americano de Teologia, no IAE*



“**E**is uma voz do Céu que dizia: Este é Meu Filho amado em quem Me comprazo.” (Mat. 3:17).

Jesus Cristo iniciou Seu ministério animado por essas palavras pronunciadas por Seu Pai celestial. São as mesmas palavras que um seminarista de teologia ou um aspirante ao ministério precisa ouvir em seus anos de preparo ou início do labor ministerial. Este artigo tem como objetivo partilhar alguns conselhos para esses dois grupos encontrados na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em primeiro lugar, apresenta-

remos um perfil dos adultos jovens. Em seguida, uma consideração sobre Cristo nosso modelo, unida a uma breve reflexão da teologia e dos adultos jovens. Finalmente, abordaremos alguns aspectos da vida social e financeira dos dois grupos.

Considerando que os estudantes do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Salt, e os aspirantes ao ministério estão no primeiros anos da segunda década de sua existência, podemos chamá-los de “adultos jovens”. Quais são então suas principais características?

Primeiramente, eles vivem os anos do “estabelecimento”. Tendo amigos, porém com desejos de diferenciação própria. Um espírito criativo os induz a escolher *hobbies*, inclusive a vocação.

Também suas crenças e religião são submetidas a um rigoroso escrutínio da razão. No entanto, o professor pode saber que é possível viver sem todas as respostas para todas as perguntas.

Há uma mudança no foco da autoridade, transferida dos pais para si mesmos. Isso gera tensão emocional na forma de medo de enganos que comprometam o futuro. A tensão agrava-se pela diminuição dos anos da adolescência. A maioria começa aos 18 anos, embora a Organização Mundial de Saúde considere os 19 anos.

Fisicamente falando, esta é a idade de ouro para ambos os sexos: 18 a 26 anos. No aspecto mental, devemos lembrar que, da adolescência à idade adulta, foram equipados com valores e crenças adquiridos no lar. Agora são expostos a novos desenvolvimentos da vida social (internatos) e a novos recursos externos. A habilidade de criticar, questionar, pode afetar sua relação com outros e poderia gerar uma quota

de suficiência própria. Contudo, essa superestimação de si é frágil. Tal fragilidade revela-se ao encarar assuntos em solidão e isolamento relacionados com o ministério. Em suma, têm grande capacidade intelectual que usam de maneira crítica.

Suas transições espirituais não estão isentas de dificuldades. Da adolescência à juventude há mais que uma troca de mentalidade; é um processo doloroso de separação e reconstrução: internamento, decisões, prova da realidade, etc. Esse processo leva tempo, além dos quatro anos no campus. Busca liberdade de escolha, porém está muito consciente do grupo e é orientado em função dele.

Nesse processo espiritual, sua fé está mais associada com um verbo do que com um substantivo. É aqui onde se relaciona com outros, em uma experiência que implica compromissos e crenças em comum, amor e riscos.

## O Modelo

Para um adolescente, jovem ou adulto jovem, o exemplo da formação de Cristo é crucial. Como isso aconteceu?

De acordo com Ellen White, “Jesus foi educado nas fontes designadas pelo Céu, no trabalho útil, no estudo das Escrituras, na Natureza e nas experiências da vida.” (*A Ciência do Bom Viver*, pág. 311).

Notemos as quatro fontes aqui assinaladas para a formação integral de um indivíduo. Aparentemente duas são dadas diretamente por Deus como a revelação de Si mesmo: as Escrituras e a Natureza. Entretanto, as outras duas, trabalho útil e experiências da vida, parecem ser transmitidas mediante a tradição. Os adultos retransmitem a sabedoria por preceito e exemplo em



Israel. Isso é explicado pelo fato de que essas duas fontes não são herdadas nem são instintivas. O trabalho prático foi um aspecto da vida e formação equilibrada de Cristo.

O centro da educação e formação é Cristo. Os discípulos "vieram a Cristo em cada fase da vida" (*Atos dos Apóstolos*, pág. 18). Outras alternativas educativas ou formadoras podem ser excludentes, unilaterais ou extremistas.

O trabalho deve ser visto como um aspecto de um todo integral. Tendemos a ser unilaterais ou extremistas. Os resultados sempre são nefastos, e até podemos citar alguns exemplos.

Do ponto de vista da formação ministerial, poderíamos ter, por um lado, um humanismo geral coroado com "coisas" divinas. Por outro lado, poderíamos ter o estudo especializado de matérias distintas não necessariamente relacionadas entre si.

O propósito da educação teológica é a saúde da congregação, e não a formação do futuro ministro. Em contrapartida, alguns professores vivem absorvidos pelos livros e não pela vida.

Falando de John Harvey Kellogg, Arthur White escreveu que ele "estava tão pressionado por seus deveres e responsabilidades que tinha muito pouco tempo para os interesses teológicos da Igreja". (*Ellen G. White: The Lonely Years*, pág. 39). Ao lado disso, estavam sua impaciência com os que se demoravam em adotar suas idéias, seu interesse unilateral com a obra médi-

co-missionária entre os pobres e necessitados. O resultado não poderia ser outro senão apostasia.

Tudo isso explica a razão pela qual a formação ministerial adventista mantém um ideal, um conceito do que não é e do que é: a educação teológica adventista não é educação para o ministério, mas educação no ministério, ou seja, no serviço ativo, incluindo o trabalho útil.

### A teologia e o adulto jovem

Depois de mencionar algumas implicações práticas da formação de Cristo para um estudante de teologia, cabe aqui a pergunta: Como os estudos teológicos poderiam ajudar a um adulto jovem? Ou a um aspirante ao ministério?

Ellen White afirma que a teologia deve ser estudada sem descuidar-se a religião experimental. Da teologia aprendemos como é Deus; da religião, como viver em Deus.

James Fowler sugere um retorno à prática de um estudo devocional das Escrituras, e não simplesmente como uma busca de conhecimento com fins meramente intelectuais ou apologeticos.

Os estudos teológicos sistemáticos e aplicados têm o potencial de satisfazer as necessidades dos adultos jovens. Essas necessidades são as originadas pelo trabalho ministerial, o casamento e a paternidade. As deserções ministeriais acontecem em maior escala nas áreas vinculadas com a moralidade.

Os estudos teológicos podem conter o estudo dos adultos jovens bíblicos e suas etapas de desenvolvimento espiritual: Daniel (Dan. 1:3, 4, 6-9); Ezequiel (Eze. 1:1-3; 2:1-6); os três jovens hebreus em Babilônia (Dan. 3:12-28); Timóteo (II Tim. 3:15 e 16); João, o mais jovem discípulo de Cristo (Mat. 4:21; Mar. 1:19 e 20). A Bíblia também parece sugerir através dos escritos de Salomão, que há certas etapas no desenvolvimento integral de um crente. Seus

escritos parecem denotar um progresso na vida. Nesse contexto, é provável que tivesse escrito Cantares em sua juventude; Provérbios em sua idade adulta, madura, quando foi capaz de fazer escolhas judiciais e, finalmente, pode ter escrito Eclesiastes quando era velho, estava preparado para escrever acerca da futilidade da vida. É interessante notar que ele dedicou Eclesiastes aos jovens (*Profetas e Reis*, pág. 58).

### Conduta social

As imagens do fermento no pão e do sal no prato nos dizem do impacto social que Cristo espera exerçamos na sociedade, para seu bem. A vida social e financeira de um cristão tem muito a ver com esse impacto benéfico no mundo. Não buscamos apenas ser peculiares. Tampouco dividir o mundo entre os responsáveis e os irresponsáveis nesses aspectos. Uma vida sóbria em matéria social está relacionada com a missão e a terminação da obra de pregação.

Nos parágrafos seguintes o adulto jovem não encontrará receitas ou pressupostos ideais (que geralmente funcionam só na mente de quem os ensina), mas sugestões de atitudes a serem tomadas diante de certas situações da vida.

**Solidão.** Essa é uma área de real preocupação para o aspirante. Enquanto estudava no internato, desfrutou do companheirismo e proximidade de seus amigos e colegas. Muitas dessas amizades durarão. Mas, estando num distrito, essa proximidade não pode continuar. E mais, deve haver uma certa distância entre o jovem ministro e os membros, não devendo ele mostrar favoritismo. É aqui que o aspirante enfrenta solidão, mas ele deve aprender a resolver esse problema por si mesmo. Difícilmente algo lhe poderá ser ensinado nesse aspecto. Um lar feliz com interesses comuns pode fazer muito para compensar essa dificuldade. Quão importante é para o aspirante e sua esposa terem *hobbies* e atividades para executarem juntos!

**Esposa.** A importância da esposa do aspirante não pode ser passada por alto. Ela pode ser uma ajuda real para ele de muitas maneiras. Não deveria manter-se alijada dos membros da igreja, mas fazer sua parte no programa da congregação. Os membros a buscarão para obter conselho e direção. O Senhor pode abençoá-la a realizar fielmente sua tarefa, para glória do Seu nome.

**Crítica.** O aspirante jamais deveria criti-

car o trabalho do pastor titular ou antecessor, especialmente, diante dos membros da congregação. Podemos aprender duas coisas do trabalho de alguém: o que fazer e o que não fazer. O aspirante não é responsável pelas ações do pastor titular – se tem feito o melhor para apoiá-lo –, ou do antecessor. Deve ser absolutamente leal ao programa geral da congregação e não deveria dar ouvidos às críticas, pois logo poderia ser tido como o “presidente da comissão de lamentos”. Essa não é a melhor função para um jovem ministro.

O respeito e a consideração mútuos parecem ser sempre a melhor atitude. “Tratem os membros jovens da família do Senhor. Os jovens que acabam de entrar no ministério podem cometer muitos erros, porém os ministros de mais idade não estão livres de cometer erros apesar dos anos de trabalho.” (*Evangelismo*, pág. 497). E mais: “Não é sábio comparar-nos com outros obreiros, falar de suas falhas, e levantar objeções com respeito a seus métodos de trabalho. Não seria uma surpresa se aqueles que estão trabalhando sob graves responsabilidades e que têm muitas provas que enfrentar, às vezes cometam erros. Sejamos familiares com o bem que tem sido feito por nossos irmãos e falemos disso.” (*Idem*, pág. 633).

**Amizade.** O jovem ministro deveria procurar ser igualmente amistoso com todos os membros, porém não ser íntimo de nenhum. Seu alvo é servir a toda a igreja. Nada de favoritismos. Também não deveria, jamais, solicitar simpatia da congregação, fazendo-a sentir compaixão dele. Essa prática não somente é antiética, mas pouco sábia. Uma das mais pobres relações que podemos favorecer é a de compaixão própria.

**Reputação.** A reputação do ministério, de outros colegas, está nas nossas mãos. O trato com homens de negócios, sexo oposto e os jovens deve estar permeado pelo conceito da dignidade e respeito ao ministério.

**Ciúme.** Existem três áreas de cuidado para o aspirante: a administração do tempo, a solidão e a ética ministerial. Muitas vezes, porém, os membros e interessados preferem levar seus problemas ao pastor titular, quando é o caso de existir, passando por alto o aspirante ou assistente. Ajudar alguém que enfrenta agudos problemas emocionais é enriquecedor. Mas quando acontece a situação descrita antes, o aspirante pode sentir-se enciumado. O fato é

que todas as profissões têm o mesmo problema. É melhor aceitar essa conduta das pessoas como parte da vida e fazer o melhor em todos os casos. Mas o pastor titular pode ajudar o aspirante apresentando-lhe estudos de casos.

### Conduta financeira

No ministério, as atitudes são tudo. Assumir uma sã atitude financeira é uma questão que deve ser adotada em meio da resolução de um dilema como de uma tensão. Nessa área, o dilema de muitos parece ser: até que ponto devo sacrificar minha vida presente para cuidar do futuro? Ou, colocando de outra maneira, que dimensão de minha vida devo favorecer: o futuro ou o presente? A resposta às duas perguntas determinará os hábitos financeiros diários de uma pessoa.

Existe uma tensão entre a tradição adventista e o tipo de mundo em que vivemos. Por um lado, quando lemos os conselhos de Ellen White e nos familiarizamos com a vida dos pioneiros do adventismo, temos a forte impressão de que eles sacrificaram seu presente, em favor do futuro. Seria tal atitude válida para hoje? De onde obtiveram eles esse conceito: da cultura social predominante, ou de outra fonte? É provável que de ambas as fontes.

Por outro lado, a sociedade do final do século XX é uma continuação ainda mais desenvolvida da filosofia que Paulo mencionou em seus dias: “Comamos e bebamos que amanhã morreremos” (I Cor. 15:32). Lançados à morte, os homens vivem com máxima intensidade o presente, hipotecando seu futuro e o de seus filhos.

É provável que uma breve consideração bíblico-teológica nos ofereça alguns elementos para tomar uma decisão frente ao dilema e tensão já mencionados.

Uma das chaves da relação entre Deus e Seu povo é a de promessa e cumprimento. Existe um fluxo e refluxo entre o que Ele prometeu a um indivíduo e o que este recebeu. O caso de Abraão ilustra bem esse ponto. Em Gênesis 15, é-lhe prometida uma grande descendência, e ele acaba recebendo um filho, o da promessa, o do milagre. Hebreus 11 apresenta muitos que morreram sem haver recebido em seus dias a totalidade do que lhes foi prometido, porém não o fizeram com mãos vazias.

Tudo isso nos fala de um Deus que Se conduz com os homens com uma visão de futuro, sem deixar órfãos Seus filhos, na dimensão presente da vida. Israel

aprendeu dessa maneira a ser mais responsável diante dos filhos que diante dos pais. Como evitar roubar-lhe ao futuro? Como evitar hipotecar o futuro dos filhos? A resposta nesses dias é muito simples: economizando desde já.

Portanto, responsabilidade financeira e economia não são uma herança da rica tradição adventista que nos chegou por uma indução sociocultural, mas fundamentada na Bíblia. Ter uma visão de futuro e cuidar dele é um método divino de ação.

Levar isso em consideração implica ausência de dívidas. Outra aplicação prática relaciona-se com o hábito de fazer um orçamento pessoal. Isso não significa coletar o que se pode receber e usar de acordo com os fundos que se tenha à mão intuitiva e espontaneamente. Fazer um orçamento é estimar as necessidades e desejos do casal (também aplicado à igreja local), e planejar ganhar o suficiente para cobrir tais gastos. É um elemento de incentivo para conquistar sempre mais.

Há outros aspectos da vida financeira que devem ser lembrados. Por exemplo, o uso de cartões de crédito. O acesso a uma conta-corrente bancária. Qual será a realidade para o ano 2000? Quem terá conta-corrente até o final do século? Os fatores confiança, antiguidade e credibilidade sempre foram de extrema importância na igreja e no mundo financeiro.

Deve-se também levar em conta os regulamentos denominacionais financeiros. A quem é melhor dever: a um membro da igreja ou ao Campo? Há também as ajudas vigentes (aluguel, equipamento, quilometragem, etc.).

Ofertas, liquidações, promoções ocasionais de produtos e alimentos devem ser aproveitadas pelo obreiro, pois significam oportunidade para economizar.

Uma atitude equilibrada nos aspectos social e financeiro será um sermão permanente e eloqüente que apressará a vinda do Senhor. Os estudos teológicos que combinam teoria e prática podem favorecer um desenvolvimento normal do adulto jovem. O modelo de Cristo, especialmente como foi formado, é crucial para o jovem seminarista e o aspirante. O mesmo Pai celestial deseja repetir para os tais: “Tu és Meu Filho amado em quem Me comprazo.” Deus espera que os pastores de mais experiência tornem suas essas palavras e as apliquem de forma prática à vida dos seminaristas e aspirantes a ministros. □

# Desilusão benéfica



**E**star desiludido tem seu lado positivo. Embora usualmente se pense o contrário, ninguém dirá que uma vida de ilusão é boa. Ela pode até contribuir temporariamente para a paz mental, mas não irá muito longe. Desiludir-se, no sentido de libertar-se da ilusão e encarar a realidade, é que de fato representa uma grande ajuda. Nesse sentido, acredito que seria melhor para muitos de nós, ser desiludidos em vez de continuar vítimas de alguma ilusão inseqüente.

Mas, em relação a que deveríamos estar desiludidos? Com as congregações que pastoreamos e com a Igreja em geral!

Com penetrante autenticidade e sabedoria, Dietrich Bonhoefer observou: "Tão seguramente como Deus nos deseja dar uma genuína compreensão da amizade cristã, devemos estar oprimidos por uma grande desilusão relativa a outros cristãos em geral e, se somos afortunados, a nós mesmos." Isto é, devemos reconhecer e aceitar o fato de que os cristãos também falham. Somos chamados a aceitar essa desilusão como providencial e imperativa para conquistar a genuína amizade cristã.

Se esse pensamento é legítimo, e eu creio assim, a desilusão é algo que Deus

utiliza para amadurecer nossa harmonia com Ele. Sem essa qualidade de desilusão, não podemos alcançar a autêntica amizade que tanto almejamos. Não podemos ser ministros efetivos nem encontrar qualquer significativo grau de contentamento no trabalho pastoral. Sem estar desiludidos com nosso povo talvez jamais nos incomodemos, consciente ou inconscientemente, de que "os santos" sejam tão obtusos, profanos, frios! A tendência será permanecer num estado de descontentamento e talvez lutando continuamente para vencer o impulso de fugir do ministério.

"O homem que modela um exagerado ideal de comunidade requer que ele seja imaginado por Deus, pelos outros e por si mesmo. Torna-se intransigente, reprovando a todos no seu círculo. Quando o seu ideal é destruído, ele vê a comunidade espatifar-se. E se torna acusador de seus irmãos, de Deus e, finalmente, o desesperado acusador de si mesmo", diz Bonhoefer.

Não é raro pastores insistirem no seu ideal do que se constitui genuína amizade cristã, e, depois, se enroscarem na constante violação desse ideal, mostrando as falhas do rebanho em si mesmos.

Obviamente, ter uma visão e um ideal para a amizade cristã é vital, mas isso não pode funcionar efetivamente sem doses regulares de desilusão. Sem isso, o pastor está prestes a se tornar um algoz da comunidade; um líder iracundo, ineficaz, que é literalmente um tormento para os demais e, provavelmente, para si mesmo.

Eugene Peterson trata desse assunto em seu livro *Under the Unpredictable Plant*, dizendo: "Eu revi minha imaginação: esse era o povo que eu pastoreei. Não era o que eu teria escolhido, mas foi o que recebi. Que deveria eu fazer? 'Mestre, alguém semeou joio à noite.' Eu queria limpar o campo. Glamourização da paróquia é pornografia eclesiástica – tomar fotogra-

fias (habilidosamente retocadas) ou esboçar quadros de congregações perfeitas. Alguns pastores odeiam o escândalo tanto da cruz como da igreja. Mas a verdadeira natureza do trabalho pastoral é enfrentar o escândalo, aceitar sua humilhação, e diariamente trabalhar nele. Não desprezando a vergonha, tampouco a negando."

Aí está um grande alívio que brota em alguém que exercita essa honestidade e que encara o tipo de desilusão da qual estamos falando. Um peso é tirado dos ombros do pastor enquanto ele compreende as fraquezas dos santos e as suas também. É assim que ele deixa de se surpreender, aceitando-as como fatos na vida da igreja. Nem sempre o pastor precisa explicar ou criticar, mas simplesmente tratar corretamente os numerosos desafios que surgem dessas deficiências.

É quando o ministério tem-se tornado sutilmente para nós mais uma carreira do que um chamado divino, que começamos a querer preparar o campo para uma congregação perfeita. Assim como algumas congregações buscam um pastor perfeito, também começamos a investigar o horizonte, esperando um "bom chamado". Depois que o conseguimos, na maioria das vezes nos tornamos descontentes e cínicos – características destinadas a posteriormente reduzir nossa efetividade e nossa satisfação pessoal no ministério, levando-nos ao desespero.

A verdade é que sempre teremos pessoas abusivas e insensíveis na igreja. Nós mesmos somos, às vezes, parte desse grupo.

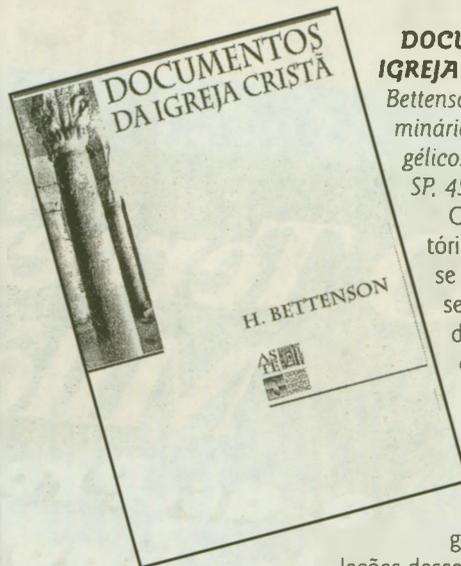
Poderíamos acrescentar ainda que um pouco de desilusão, como a descrita aqui, é um poderoso remédio contra a ira que algumas vezes sentimos diante dos erros dos irmãos que nos lideram. Tal desilusão facilitará o nosso relacionamento com eles e, em troca, nos sentiremos melhor com a igreja à qual amamos e servimos. – *Willmore D. Eva, editor de Ministry.* □



**PARA COMPREENDER OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO** – Hershel Shanks (organizador), Imago Editora Ltda, Rio de Janeiro, RJ; 343 páginas.

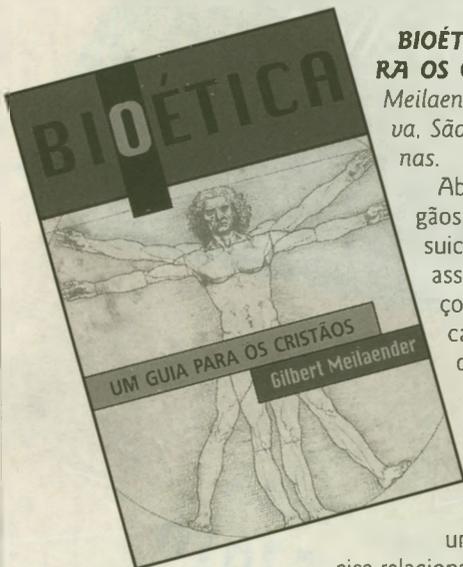
Esta obra, composta de artigos escritos pelos maiores especialistas internacionais nos Manuscritos do Mar Morto, é a fonte essencial para o entendimento dos mesmos e das controvérsias que eles suscitam. Os artigos, extraídos da *Biblical Archaeology Review* e da *Bible Review*, foram orga-

nizados por Hershel Shanks, estando voltados para a questão primordial levantada pelos pergaminhos: O que nos dizem os documentos do Mar Morto sobre o cristianismo primitivo e sobre o desenvolvimento do judaísmo rabínico? Jesus era essênio? João Batista viveu com a comunidade de Qumran que escreveu os pergaminhos? Além de outras inquietações.



**DOCUMENTOS DA IGREJA CRISTÃ** – Henry Bettenson, Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, Aste, São Paulo, SP, 452 páginas.

Os estudiosos da História Eclesiástica sempre se ressentiam, nos países de fala portuguesa, da ausência quase completa dos textos e documentos cristãos que fizeram época, criaram história. É verdade que existem hoje grandes e valiosas coleções desses textos, quer nas línguas originais em que foram compostos, quer nas principais línguas modernas. Mas nenhuma coleção digna desse nome existia em português. São cerca de 250 documentos sobre 20 séculos de história das igrejas e das teologias cristãs, escritos por protagonistas ou por testemunhas privilegiadas, que contribuem decisivamente para que o cristianismo do novo século seja melhor conhecido por meio de vestígios deixados pelo seu passado.



**BIOÉTICA: UM GUIA PARA OS CRISTÃOS** – Gilbert Meilaender, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 155 páginas.

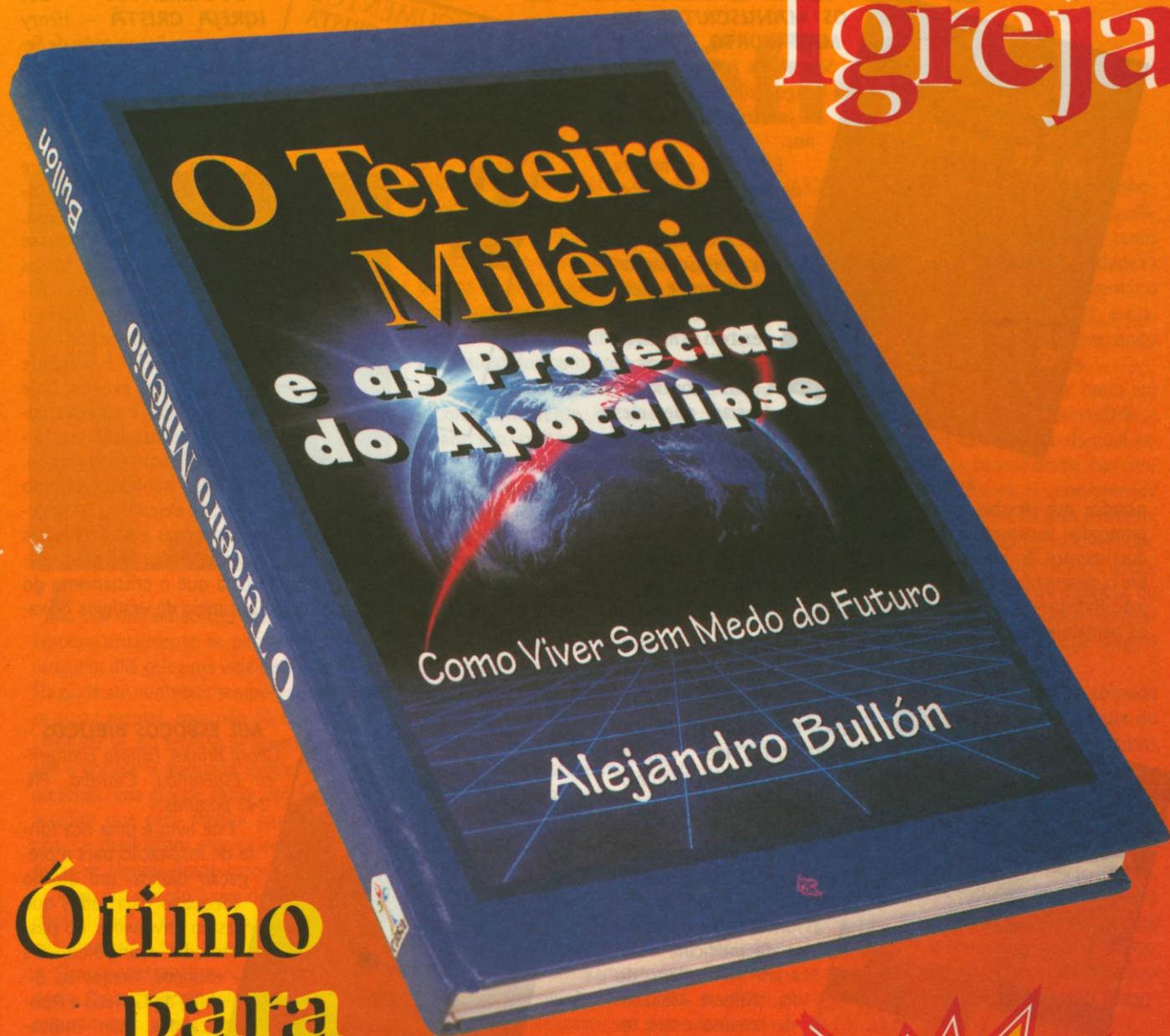
Aborto, doação de órgãos, pesquisa genética, suicídio e eutanásia são assuntos que os avanços da medicina colocaram na ordem do dia. Gilbert Meilaender analisa esses temas sob a perspectiva cristã, mostrando que o homem, apesar de livre é um ser finito, que precisa relacionar-se com Deus e com seus semelhantes. Trata-se de uma reflexão teológica e ética sobre os caminhos da pesquisa científica na área da genética. Livro obrigatório para todos os que necessitam de respostas para muitas questões difíceis da medicina.



**MIL ESBOÇOS BÍBLICOS** – Georg Brinke, Editora Evangélica Esperança, Curitiba, PR, 348 páginas.

Este livro é uma rica fonte de inspiração para a pregação bíblica, um auxílio adequado para todos que estão envolvidos no pastorado evangélico. Os esboços, tirados da Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, são indicações básicas que tanto podem ser a espinha dorsal como uma idéia a partir da qual o pregador tem toda a liberdade na elaboração e complementação do sermão. *Mil Esboços Bíblicos* é uma verdadeira fonte de pesquisa.

# Para Você e Sua Igreja



**Ótimo  
para  
evangelismo**

Ligue Grátis  
**0800-552616**  
Para Fazer Seu  
Pedido



**CASA  
PUBLICADORA  
BRASILEIRA**

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-000 - Tel.: (015) 250-8800 - Fax: (015) 250-8900